

S. A.

Christovam Ayres

OFFERTA

4322  
Manuel da Maya

e os

engenheiros militares portugueses

NO

Terremoto de 1755

Com os retratos de Manuel da Maya, Carlos Mardel e J. Frederico Ludovici



LISBOA  
IMPRESA NACIONAL  
1910

A Biblioteca Nacional de Lisboa

S. A.

4322

off

Christovam Ayres

Manuel da Maya

e os

engenheiros militares portugueses

NO

Terremoto de 1755

Com os retratos de Manuel da Maya, Carlos Mardel e J. Frederico Ludovici



M45.148

LISBOA  
IMPRESA NACIONAL  
1910

*MANUEL DA MATA*

*À benemerita corporação*  
*dos engenheiros portugueses,*  
*militares e civis*

Consagra

*Christovam Ayres.*

# MANUEL DA MAYA

E OS

## ENGENHEIROS MILITARES PORTUGUESES

NO

### TERREMOTO DE 1755



INTERESSANTE no estudo relativo ao seculo XVIII é ver, embora sumariamente, o papel que tiveram os nossos engenheiros militares na restauração da cidade de Lisboa, após o terremoto de 1755, sobretudo o engenheiro-mor Manuel da Maya e os que mais directamente foram incumbidos dos monumentaes trabalhos, que honram a engenharia portuguesa.

Na *Revista da Sociedade de Instrucção do Porto* (vol. II, 1882, pag. 271) a eminente escritora D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, tratando da impressão que na Allemanha produzira esse memoravel terremoto, refere-se a tres estudos que, logo em seguida, apresentou o grande philosopho Kant, e que se ligam com outra obra mais consideravel por elle publicada no mesmo anno: *Allgemeine Naturgeschichte und Theorie des Himmels*. D'esses tres estudos, o segundo é o que mais nos interessa; porque descreve o terremoto, trata das suas causas physicas, e sobre elle

faz considerações scientificas de grande alcance; e a illustre escritora, dando noticia do seu conteudo, observa:

«Lendo este estudo de Kant acudiu-nos á memoria aquella carta, cheia de bom senso, que Gil Vicente mandou de Santarem a El-Rei D. João III «estando Sua Alteza em Palmella, sobre o tremor de terra que foi a 26 de janeiro de 1531». O philosopho allemão leva a vantagem ao poeta nacional<sup>1</sup> quanto a saber o ponto de vista critico; entre um e outro ha dois seculos de estudos scientificos; mas o nosso Gil Vicente não lhe fica atrás na inteireza do juizo e verdade do sentimento.

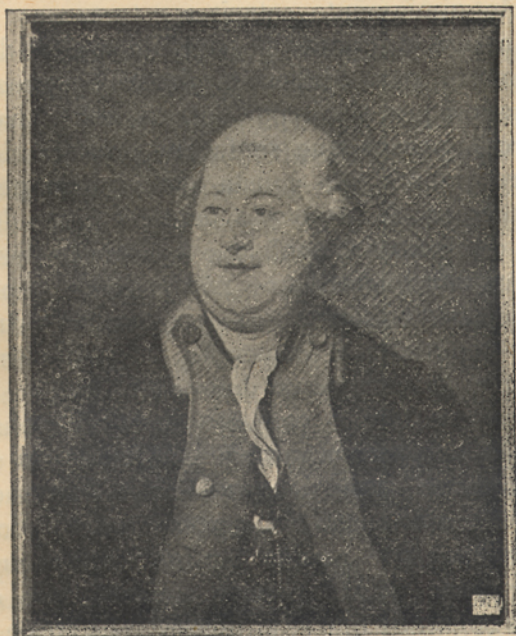
«É provavel que as numerosas relações contemporaneas sobre o terremoto, que Kant teve á vista, não fossem todas igualmente fieis; comtudo, o philosopho, armado com uma sciencia superior, positiva, e com um criterio elevado, soube distinguir claramente entre os casos impossiveis, inventados, e as verdades provaveis, tomando estas para base dos seus estudos. Teria o grande Marquês de Pombal, na epoca em que delineava o novo plano de Lisboa, noticia do seguinte importante conselho do illustre philosopho: que as arterias das grandes cidades ameaçadas não se devem construir paralelas ás vias fluviaes (isto é, emquanto a Lisboa, do Occidente para o Oriente), porque o movimento do tremor segue essa direcção e prolonga-se pelo curso dos rios? (pag. 404). A sciencia já então tinha feito esta e outras descobertas».

A estas observações da illustre escritora acrescentaremos que, se realmente se obedeceu a esse principio scientifico, não se pode regatear ao grande Pombal a gloria de mais essa forma superior por que a sua

<sup>1</sup> Refere-se a Goethe, que tambem se impressionou com o terremoto, contando então seis annos.

obra foi executada; mas de justiça é igualmente reconhecer que os engenheiros que tal obra executaram conheceram e souberam applicar esse importante preceito.

Os engenheiros encarregados da reedificação de Lisboa foram, pela sua ordem, Eugenio dos San-



Manuel da Maya

tos, Carlos Mardel, Reinaldo Manoel<sup>1</sup> e Manoel Caetano. De todos estes dá noticia Jacome Ratton, um contemporaneo, nas suas *Recordações*<sup>2</sup>, onde se encontram interessantes pormenores relativos

<sup>1</sup> Reinaldo Manoel de Sousa.

<sup>2</sup> *Recordações* de Jacome Ratton. § 65.

á cidade de Lisboa depois do terremoto. De Eugenio dos Santos diz:

«A planta e prospecto (para a reedificação) foi dado pelo primeiro architecto da cidade, chamado Eugenio dos Santos, da escola das obras de Mafra. Nesta planta se conservaram as praças e largos quasi com as mesmas dimensoens que dantes tinham, alargando-se, e endireitando-se as ruas que erão nimiamente estreitas e tortuosas; e nestas se assignou, quanto possivel foi, o chão de cada proprietario, para edificarem, dentro em prazos determinados, por si ou por outrem, sob pena de os perderem; prazos que se foram prorogando; por maneira que me não consta que alguém perdesse o seu terreno. A Inspeção taxou o preço de cada palmo de frontaria, conforme a situação das ruas, para que não querendo ou não podendo o proprio dono do chão edificar, podesse qualquer outro edificador comprallo á Inspeção, a qual entregava o dinheiro da compra ao dono do chão.

«Ouvi que fora o projecto de se não consentir, em rasão dos terremotos, que as casas da cidade nova tivessem mais do que lojas e dois andares; mas que em attenção ás representaçoens dos edificantes, que não podião ter interesse algum em edificar casas de tão poucos andares, veio o Governo a consentir que se edificassem de tres e agoas furtadas; e então se principiou a edificar segundo o prospecto que dera Eugenio dos Santos, consistindo em 1.º andar de sacadas, 2.º e 3.º, e agoas furtadas de janelas de peito; á excepção das casas da Praça do Rocio, as quaes tem, não sei porque, no 1.º andar janellas alternadas de sacada e de peito; o que faz com que esta praça perca huma grande parte da belleza que podia ter. As agoas dos telhados erão recebidas em meios canaes praticados no cimo das paredes, e conduzidas á rua por

canaes praticados nestas, o que dava hum ar de nobreza ás frontarias, não se vendo as biqueiras; e muito commodo aos viandantes. Este risco veio depois a alterar-se no successivo reinado, não só praticando-se 4.<sup>os</sup> e 5.<sup>os</sup> andares sem sacadas, ou com sacadas em todos elles, mas deixando-se cair por biqueiras as agoas á rua; e para mais depravado gosto, estabelecerão varandas, e sobre varandas nos 4.<sup>os</sup> e 5.<sup>os</sup> andares, cuja enxelharia he lavrada a maneira de telha e pintada da mesma côr. Parece impossivel que tal reedificação viesse á lembrança dos habitantes de huma Cidade sujeita a terremotos, e que tinha soffrido os effeitos do de 1755. He verdade que as casas construidas de madeira do 1.<sup>o</sup> andar para cima, crescendo depois as paredes de pedra e cal, como accessorias, são hum abrigo aos desastres que podem resultar de hum terremoto, para as pessoas que se acharem dentro dellas, e não tiverem o desacordo de sahir para a rua; mas desgraçados dos que se acharem nas ruas, se o abalo derrubar as paredes; porque a enxelharia dos 4.<sup>os</sup> e 5.<sup>os</sup> andares não deixará nenhum vivo.

«Ao primeiro risco da cidade baixa, e ruas principaes ajuntou o architecto os necessarios e utilissimos passeios; e não sei porque fatalidade deixa de os haver na maior parte das ruas de Lisboa que os podem admittir; comtudo não lhe louvo a bordadura dos colonellos, que alem da despeza, e extravagante configuração, occupão hum lugar nos passeios tirado aos viandantes, devendo só existir nas esquinas, para impedir que os carros e carroagens passem, ao voltar, por cima dos pavimentos. Mas o que he imperdoavel nesta nova reedificação, he que todas as ruas não tenham canos, e todas as casas, cloacas, para o despejo das primeiras imundicias; he verdade que o dito architecto deo o risco dos canos que se achão em algumas ruas da



cidade nova; mas tão dispendiosas pela pedra lavrada que nelles se empregou, que julgo ser esta a causa de os não haver nas mais ruas; e tão defeituosas na sua configuração que não preenchem, ou preenchem mui mal os fins para que são destinados. Primeiramente por terem pavimentos chatos subindo as paredes lateraes em angulos rectos, nos quaes se depoem as immundicias; e em segundo lugar por darem entrada ás agoas da maré, diffundindo-se nas casas hum fedor tal, que as torna quasi inhabitaveis, o que tudo se pode emendar em aquelles que de novo se fizerem: 1.º construindo-se de tijolo, por ser mais barato, e em forma elliptica para se não estagnarem as immundicias; 2.º ficando suas desembocaduras superiores ás agoas das enchentes do Tejo; 3.º encanando-se-lhes as agoas dos telhados ruas e cosinhas, para os conservar sempre lavados; providencias que se devem igualmente estender a toda a cidade velha, e sem as quaes a fedorenta cidade de Lisboa, será sempre hum manancial de molestias, a vergonha da nação, e hum objecto ascaroso pelos montões de immundicias accumuladas nas ruas, por effeito do descuido inveterado de se não varrerem, e se não tirarem com a devida regularidade, não obstante as rendas que ha destinadas para isso».

É um interessante quadro de Lisboa do seculo XVIII, antes do terremoto. Quem o quizer conhecer completo leia o livro de Ratton.

Seguem-se considerações que por extensas não transcrevemos, mas que, com o trecho que deixamos reproduzidos, servirão para confrontar as ideias do tempo e o que Ratton indica como realisado, attribuindo-o ao executor Eugenio dos Santos, com o que na importante memoria inedita, que adeante publicamos, Manuel da Maya apresenta

como plano dos diversos serviços a executar, reivindicando para este engenheiro a legitima gloria de as haver preconizado e indicado aos poderes publicos.

Continuando, diz Jacome Ratton: — «Sucedeeo a Eugenio dos Santos hum architecto allemão (aliás hungaro) chamado Carlos Mardel, o qual seguiu o mesmo plano do seu antecessor para a reedificação da cidade. Ignoro se foi por algum destes, ou por ambos suggerida a ideia de se construir o Palacio Real no sitio de Campo de Ourique; mas sei que foi no tempo de Mardel que se levantou a planta, e se collocarão os marcos, dos quaes ainda existem alguns junto á Igreja de St. Isabel, Fonte Santa, Prazeres e S. João dos bem casados. Muito tempo se trabalhou nos desenhos, e cuido que ainda existem na casa do risco. Entrava tambem no projecto fazer-se navegavel o rio Alcantara para nelle entrarem os Escaleres Reaes até o Palacio; mas depois do fallecimento do sr. Rei D. José não se cuidou mais neste projecto, e depois do incendio do Palacio da Ajuda, se adoptou aquelle sitio para a construcção de hum novo Palacio».

Tambem neste particular do sitio onde se devia construir o palacio real é de interesse a leitura da referida memoria de Manuel da Maya. O livro de Jacome Ratton é hoje raro; estimarão por isso os especialistas em assuntos de engenharia, a quem este nosso trabalho é particularmente destinado, conhecer estes trechos que reproduzimos, sem terem de recorrer aos «reservados» das bibliotecas; a outros abrirá o appetite de conhecer a obra.

Segue se a informadora narrativa de Ratton:

«A Carlos Mardel succedeu Reinaldo Manoel, e deste não sei cousa notavel, a não ser o desenho e estabelecimento do passeio publico em 1764, sobre humas hortas, que alli existião, chamadas as

hortas da cera, nas quaes se deitarão os entulhos das ruinas da Cidade baixa; e fui eu que dos meus viveiros da Barroca d'Alva dei todas as arvores freixos que se achão no dito passeio» . . .

«A Reinaldo Manoel succedeu, em architecto da Cidade e da Casa Real, Manoel Caetano, se me não engano, que ouvi ter sido canteiro, e tinha algumas luzes de desenho, sem comtudo possuir os estudos da arte de architectura, nem a disposição natural para isso, como provão as obras que dirigio como architecto; entre as quaes especificarei a Igreja da Incarnação de frente do Loreto; obra de muito custo, mas de nenhum gosto, nem ordem alguma de architectura; a casa do Mantegueiro na rua da Horta seca, chamada pelo seu dono Domingos Mendes, Palacete; e a sua propria casa edificada no sitio que se destinou para o Erario novo, a qual era muito parecida com a torre que o tendeiro da Esperança mandara construir junto á rua da Procissão, na Cotovia de cima. Esta casa foi demolida e paga pelo Governo, ficando ao architecto os materiaes; e dando-lhe o mesmo Governo hum chão de frente da Fabrica da seda, onde construiu huma nova casa excessivamente maior do que a primeira, mas tão destituida de ordem e gosto que basta olhar para ella para se julgar do merecimento do author. Penso ter sido elle o introductor da moda de figurar andares de casas sobre telhados contra todo o senso commum. Tambem julgo ter tido parte na planta do palacio novo da Ajuda, que pouco depois se confiou aos dous architectos de profissão José da Costa e Silva, e Francisco Xavier Fabri; o primeiro Portuguez, o qual aprendeo em Roma, e deo provas do seu talento na construcção do theatro de S. Carlos em Lisboa, e na do hospital de Runna mandado construir por Sua Alteza a Serenissima Prin-

ceza do Brasil viuva: o segundo Italiano de nação, que fez a planta pela qual se construiu o Porto franco; e que supponho ficou com aquella que eu fiz, de que já fallei. Tambem no Ministerio do Conde de Linhares dirigio o accrescentamento que se fez na cordoaria para accommodação de tiaras de lonas, e segundo ouvi foi quem fez o risco, e dirigio a construcção do palacio do Marquez de Castello Melhor, junto ao passeio publico».

Embora se não trate de construcções militares, tem interesse estas informações de um contemporaneo que assistiu ao terremoto e á reconstrucção da cidade que, segundo elle informa, se reduzia a «hum recinto que abrangia o bairro de Alfama, bairro do Castello, Mouraria, rua nova, Rocio, bairro alto, Mocambo, Andaluz, Anjos e Remulares; toda a mais extensão que foi convertida em cidade, como campo de St.<sup>a</sup> Clara e suas visinhanças, campo de St.<sup>a</sup> Anna, Salitre, Cotovia de baixo e de cima, Boa Morte e Alcantara, apenas tinham algumas casas, aqui e acolá, á borda de caminhos que atravessavam por terras cultivadas».

É tradição, embora não a encontremos confirmada, que os arcabouços (gaiolas) de madeira, innovados para a construcção dos edificios, foram entre nós adoptados então para dar ás paredes maior flexibilidade e equilibrio, cabendo evidentemente aos engenheiros que trabalharam na obra da reedificação essa iniciativa. Ao engenheiro Carlos Mardel, que tão largo quinhão teve nesses trabalhos, sobretudo depois da morte do engenheiro Eugenio dos Santos e Carvalho<sup>1</sup>, é attribuida essa innovação<sup>2</sup>; mas não ha, que nos conste, do-

<sup>1</sup> Em alguns documentos Eugenio dos Santos de Carvalho.

<sup>2</sup> Deste ponto, entre outros muito interessantes, tratou o nosso estimavel camarada, capitão de engenharia, Francisco Luis Pereira de Sousa numa conferencia que realizou na Associação dos

cumento que o prove. Na importante dissertação inedita de Manuel da Maya, que adeante publicamos, relativa aos trabalhos para a reedificação de Lisboa, ha referencia a edificios *de madeira* e aos de pedra e cal, e se fala do «horror em q̃ se achava o publico contra edificios q̃ não fossem de simples madeira», o que parece evidente não se referir á adopção das gaiolas de madeira para a edificação; mas ás barracas de madeira que se tinham construido. Seria dessa preferencia pelas construcções de madeira, principalmente empregadas para resistir aos embates do mar, nas praias, que teria vindo originariamente, entre nós, a ideia da armação de madeira p.<sup>a</sup> as nossas edificações, independentemente do que se passava noutros paises? E porque não? Temos geralmente tendencia para desluzirmos as nossas iniciativas proprias, querendo attribuir a sua paternidade a estrangeiros; mas em cerebros portuguezes tambem germinam ideias novas, como o prova o *nonio*, o aerostato de Bartholomeu de Gusmão, e tantas outras. Mas tambem pode ser que fosse realmente á experiencia por Carlos Mardel adquirida na Hollanda que se devesse a innovação.

Carlos Mardel, natural da Hungria, como diz a tradição, ou de origem franceza, como suspeita o Sr. Sousa Viterbo<sup>1</sup>, deixou o seu nome ligado

Engenheiros Civis, e que está imprimindo, tendo tido a extrema amabilidade de nos mostrar as provas relativas a esta parte, pelo que lhe deixamos aqui os nossos agradecimentos e o nosso apreço pelo seu valioso trabalho.— É muito interessante a apreciação das razões que justificam a construção da gaiola para a maior estabilidade dos edificios relativamente aos abalos sismicos, o que é apoiado com argumentos tirados da experiencia dentro e fora do país. O titulo da obra que, desenvolvendo a sua conferencia, traz no prelo o nosso illustre camarada e distincto engenheiro é: *Effeitos do terremoto de 1755 nas construcções de Lisboa.*

<sup>1</sup> *Anuario da Sociedade dos Architectos*, 1908.

aos trabalhos da reconstituição da cidade, como o ligou também a outras importantes obras publicas e particulares; pois que, além de architecto das Aguas Livres, dos paços reaes e das tres ordens militares, e de varias obras religiosas, como veremos, foi medidor das fortalezas da



Carlos Mardel

barra, fallecendo no posto de coronel de infantaria com exercicio de engenheiro. Entre as obras notaveis que traçou estão as da reconstrução do Real Collegio de S. Paulo de Coimbra em 1752.

Em novembro de 1755 foi o engenheiro Carlos Mardel encarregado pelo Cardeal Patriarcha de Lisboa de ver o estado em que estava a Igreja de S. Bento depois do terremoto, sobre o que elle informou que «achou toda a igreja em muito bom estado, sem ter recebido damno algum e em excellente estado de servir; porem a sacristia he a peyor e incapaz de servir, e em lugar della achei hum grande refeitorio e casa *de profundis* diante do Refeitorio, ambas escusadas para os Padres do dito Mosteiro, as quaes são mysticas ao lado da Epistola da Capella mór; e abrindo-se porta para a Igreja no mesmo lado, temos tudo o que for mister para accommodar a Patriarchal, e ainda com mais abundancia do que aonde estava antes». — Em vista disso passaram para aquella igreja os officios da Patriarchal.

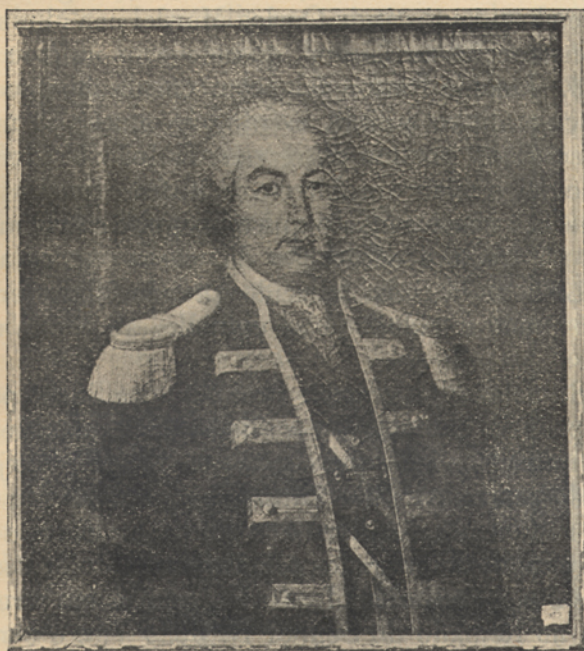
Sucedeu porem que sendo a informação de Carlos Mardel de 17 de novembro, no dia 19 desse mesmo mez ia o capitão engenheiro Eugenio dos Santos e Carvalho informar o Patriarcha de que, embora concordasse com o parecer do seu collega quanto á segurança do corpo e cruzeiro da referida Igreja, «se lhe fazia suspeitosa uma parede da Capella que, sendo ordinaria, se pode reparar com modica despeza». — Foi este parecer seguido; e fez-se a obra completa sob a direcção do então tenente coronel Carlos Mardel e do capitão Eugenio dos Santos<sup>1</sup>.

Entre as curiosidades apresentadas na Exposição de Cartographia da Sociedade de Geographia, em 1903, figurava uma *Planta topographica da cidade de Lisboa arruinada, e tambem segundo o novo alinhamento dos architectos Eugenio dos Santos e Carvalho e Carlos Mardel*, feito por João Pe-

*Providencias sobre o terremoto de Lisboa*, p. 200 e anteriores.

dro Ribeiro. Pertence á Direcção dos Trabalhos Geodesicos <sup>1</sup>.

Mas embora os nomes de Eugenio dos Santos e Carvalho e Carlos Mardel, que Manuel da Maya considerava «alem de engenheiros de profissão, os primeiros architectos na architectura civil», sejam



João Frederico Ludovici, Architecto-mor

os que mais soam e mais elevado quinhão representam nesses memoraveis trabalhos herculeos, muitos foram os engenheiros militares que nelles tiveram parte sob a direcção de Manuel da Maya. Na importante *Memoria* d'este celebre engenheiro-

<sup>1</sup> *Catalogo da Cartographia Nacional*, p. 108.



mor, que em seguida publicamos, veem citados, alem dos nomes de Mardel e Eugenio dos Santos, os do capitão Elias Sebastião Pope e Pedro Gualter da Fonseca, e praticantes Francisco Pinheiro da Cunha e José Domingos Pope, como tendo sido por elle eleitos para o auxiliarem na monumental obra da reconstrucção da cidade. Reynaldo Manuel se chamava, como vimos, o engenheiro nomeado p.<sup>a</sup> substituir Carlos Mardel nas obras da reconstrucção de Lisboa, quando este morreu em 1763. Jacome Ratton fala com encarecimento de um engenheiro militar, estrangeiro mas que muitos serviços prestou entre nós. E João Frederico Ludovici, o celebre architecto de Mafra, e que Ratton apresenta como sendo o que mais geito e arte mostrou na traça e edificação das casas particulares em Lisboa. Já tinha fallecido quando foi do terremoto; mas a cidade já se embellezara com a sua arte.

«Se pelas obras que os architectos edificão para sua propria habitação, escolhendo a localidade, e sem outra sugeição que as suas forças, se pode julgar do seu merito, diz Ratton, indicarei as que entrão neste caso, relativas aos quatro architectos do meu tempo, empregados pelo Governo. João Pedro (aliás João Frederico) Ludovici, que já era architecto no Reinado do Senhor D. João V, e o continuou a ser até depois do terremoto de 1755, construiu para sua morada aquella barraca, na calçada da Ajuda, aonde assistio Martinho de Mello e Castro, e edificou huma casa de frente da torre de S. Roque que tem todo o ar de nobre; e creio que em razão desta obra se construiu a muralha de S. Pedro de Alcantara com o pretexto de se fazer alli hum passeio, o qual se não chegou a realizar; mas que seria bem util pelo ponto de vista que offerece. Tambem supponho que foi este ar-

chitecto quem projectou e deo o plano das obras dos arcos das aguas livres; mas se não foi elle, foi pelo menos o que as continuou. Eugenio dos Santos que deo a planta da reedificação da cidade construiu humas grandes casas de cimo da calçada da Estrella, com muito má serventia para carroagens, e sem outra luz na escada que a que entra pelas sobrepostas. Carlos Mardel edificou para a sua habitação aquella casa que se acha ao lado oriental da Igreja de St.<sup>a</sup> Isabel junto ao cemiterio, e por baixo da torre dos sinos. Manoel Caetano edificou as de que já fallei. Á vista do que todos convirão comigo que o que tinha melhor tino era João Pedro Ludovici.»

João Frederico Ludovice, o notavel architecto do convento de Mafra, era desde 11 de setembro de 1750 architecto-mór do reino com patente, soldo e graduação de brigadeiro de infantaria, na primeira plana da Córte; nascera na Allemanha, de familia franceza, e naquelle país exercia a profissão de engenheiro militar, tendo porem vindo para Portugal chamado pelos jesuitas pela sua especial pericia de ourives, metallista; mas os seus variados talentos postos em acção entre nós lhe deram o justo galardão de se reconhecer que «á sua doutrina se devem o grande adiantamento em que se achavam as artes em Portugal<sup>1</sup>».

E não só em Lisboa, mas em outros pontos do país eram requeridos os serviços dos nossos engenheiros militares, quer na sua especialidade, quer noutros ramos do serviço. Assim, tendo o terremoto arrasado a villa de Setubal, foi João Alexandre de Chermont, coronel de infantaria com exercicio de engenheiro, mandado em 14 de novembro

<sup>1</sup> Decreto de 11 de setembro de 1750, que nomeou Ludovice architecto-mor do reino.

de 1755 tomar conta d'aquella villa, com jurisdicção completa, para adoptar as providencias necessarias <sup>1</sup>.

E nesse calamitoso periodo, e antes e depois, e sempre, de engenheiros militares se valeu o governo para os serviços da maior responsabilidade.

De tres engenheiros, encarregados em 1761 da demarcação das quatro leguas exclusivas do districto concedido á Companhia da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, á roda da cidade do Porto, temos noticia: são o sargento-mor de infantaria e engenharia Francisco Xavier do Rego, e os seus ajudantes, o tenente Adão Wencelao Hetsk e Francisco Pinheiro da Cunha. Por curiosidade reproduziremos adeante o resultado d'essa demarcação, que em manuscrito se conserva na Academia Real das Sciencias de Lisboa <sup>2</sup>.

E de quantos outros não poderíamos dar aqui informação. De grande numero d'elles daremos noticia na nossa *Historia da Engenharia Militar*.

\*

\*       \*

Quando, das ruinas d'esse horrivel terremoto, a energica vontade do Marquês de Pombal fez erguer, alinhada, garrida e bella, a nova cidade, os engenheiros militares foram os auxiliares principaes d'essa vontade de ferro. O engenheiro-mor Manuel da Maia e os seus officiaes dirigiram e executaram as principaes obras.

Por decreto de 29 de novembro de 1755 era ordenado que «os Ministros, que se achavam encarregados da inspecção de cada um dos bairros da

<sup>1</sup> *Providencias sobre o terremoto de Lisboa*, p. 131.

<sup>2</sup> Collecção Trigoso, tomo 16, p. 116. — Vide *Doc. E*.

capital, de commum accordo com os officiaes de Infantaria com exercicio de Engenheiros, destinados para esta deligencia, fizessem logo, e sem perda de tempo, cada qual delles uma exacta discripção do respectivo bairro de que se achava encarregado, declarando-se nella distincta e separadamente a largura e comprimento de cada uma das praças, ruas, beccos e edificios publicos, que nelle se continham; e cada uma das propriedades particulares que existam nas sobreditas ruas, praças e beccos, com a especificação da frente e do fundo que a ellas pertencia, comprehendendo nessa medição os quintaes, onde os houvesse, com as elevações ou alturas de cada uma das propriedades, e com especificação das paredes que fossem ou proprias de cada edificio, ou commum a ambos os dois visinhos confrontantes».

Assim se conseguiu evitar as reclamações e pleitos que decerto depois levantariam os proprietarios com respeito aos limites das suas propriedades, sem que houvesse maneira de saber se as baseavam na verdade.

Por Aviso de 11 de dezembro de 1755 foi ordenado ao Engenheiro-mor Manuel da Maya que «chamando á sua presença os officiaes de Infantaria com exercicio de engenheiros, que lhe parecessem mais habeis e expeditos, os mandasse passar os liveis necessarios para se conhecer e calcular com clareza os declivios que ha dos Mosteiros da Boa Hora, do da Annunciada, do de Corpus Christi, da Igreja da Magdalena, e S. Sebastião da Padaria, até ás cortinas do Terreiro do Paço e da Ribeira»; tinha isto por fim accomodar os entulhos em logares mais baixos.

Por Aviso de 22 do mesmo mês e anno foi ordenado a Manuel da Maya que «na conformidade das reaes ordens fizesse apalpar e abalizar pelos

officiaes, que achasse mais expeditos e exactos, os terrenos de que se tratava, em forma que ficassem distinctamente demarcados os logares que se houvessem de entulhar e as alturas dos entulhos que nelles se haviam de lançar, para que fossem lançados com a devida proporção, onde mais conviesse e sem o perigo de se tornarem a mover, etc.».

Outro Aviso da mesma data ao Duque Regedor das Justiças (Duque de Lafões) para se nivelar a parte da cidade que ia entre a rua Nova do Almada e a Padaria, e para se pôrem marcos e balizas nas covas e declives, afim de se encherem com os desentulhos e ficar nivelado o Terreiro do Paço com as mesmas duas ruas em beneficio da reedificação da cidade, ordenava ao mesmo Engenheiro mor «que, pelos officiaes que achasse mais expeditos, fizesse pôr as sobreditas balizas com a brevidade que requeria a urgencia <sup>1</sup>».

São estas umas simples amostras do grande trabalho e da missão importante que aos engenheiros militares coube na reedificação da cidade, como lhes continua a caber no decurso dos tempos; pois que nomes de engenheiros do exercito muito distinctos estão ligados, não só a obras militares, mas civis, na historia do nosso país.

\*

\*      \*

E melhor do que o poderíamos dizer, falará agora do grande papel que Manuel da Maia teve nesse grave momento da nossa existencia social a memoria (dissertação) que em seguida publi-

<sup>1</sup> *Mem. das principaes providencias que se derão no Terremoto que padeceo a Corte de Lisboa no anno de 1755*, por Amador Patriçio de Lisboa. Pag. 318.

camos, por elle apresentada sobre a reedificação da capital, e que pela primeira vez damos á estampa. É dividida em tres partes: as duas primeiras conservam-se nos papeis de José Baptista de Castro na Biblioteca Publica de Evora; a terceira encontra-se, remetida do Archivo Militar, na Torre do Tombo. Devia ter uma quarta parte, que o auctor deixou de escrever<sup>1</sup>. Damos aqui publicidade ás tres partes que pudemos felizmente reunir, na certeza de que encontrarão o apreço e a estimação do leitor.

Ao Duque de Lafões, na sua qualidade de Regedor das Justiças, era dirigida essa *dissertação*, e do conceito e apreço em que foi tida reza o seguinte officio, cuja copia guarda a Biblioteca de Evora:

Ex.<sup>mo</sup> Sr.

Agradeço muito a V. Ex.<sup>a</sup> a atenção de participar-me a segunda parte da Dissertação que tem escrito sobre a renovação da cidade de Lisboa destruida, e agora repito a V. Ex.<sup>a</sup> o que a respeito destes papeis tenho representado a ElRey meu Snr., porque achei que V. Ex.<sup>a</sup> comprehendeo com vastidão, discorreo com profundidade, e escolheo, a meu entender, com acerto, o modo que deve seguir-se. S. Mg.<sup>o</sup> vai mostrando que segue o parecer de V. Ex.<sup>a</sup>; ainda que a sua modesta escrupulosidade o duvide, e verdadeiramente só nesta parte me não parecem solidos os fundamentos da desconfiança de V. Ex.<sup>a</sup>. V. Ex.<sup>a</sup> he um vasalo tão util, como bom compatriota, e assim se percebe no zelo com que vigia sobre a saude

<sup>1</sup> Entre os papeis de João Baptista de Castro, e pela letra d'este, conserva a Biblioteca de Evora as copias completas da primeira e segunda d'estas dissertações, e do principio da terceira até § 6.<sup>o</sup>—No tomo xix do supplemento do *Diccionario Bibliographico* informa o Sr. Brito Aranha que os herdeiros de Antonio Ferreira Simas possuíam copia d'estas *Dissertações*, tendo no fim a seguinte nota:—«Deixou o autor de fazer a quarta parte não se sabe porque».

publica, lembrando-se de que se deve dar correnteza ás aguas estagnadas na Praça do Rocio e na Rua Nova dos ferros. ElRey meu Snr. foi servido encarregar-me de evitar aquelle perigo, e pela medeação dos Ministros da justiça Inspectores dos Bairros desta Cidade, com bem ordenado trabalho, se vencerão muitas defficultades, e entre grandes perigos não succedeo a menor desgraça, achando-se desde a somana pasada esgotados completamente hum e outro lugar. Tenho entrado a recear nos possão agora prejudicar as muitas lamas que a cada paso se encontram pelas ruas e o descuido que ha, e ouve sempre, em extrahir da superficie da terra quantidade de animaes mortos que se achão expostos: porem como esta incumbencia me não foi recomendada poupo-me ao maior pezar que seria o que me resultase de se poder acuzar a minha omição, o que para mim só era sensibilisimo. D.<sup>s</sup> G.<sup>e</sup> a Pessoa de V. Ex.<sup>a</sup> m.<sup>tos</sup> an.<sup>s</sup>. Cerca das Necessidades a 5 de Março de 1756.

Ex.<sup>mo</sup> Snr. Manoel da Maya.

Mais attento serv.<sup>or</sup> de V. E.

*Duque de Lafões*<sup>1</sup>.

Eis agora o trabalho apresentado por Manuel da Maia, e que, embora pouco nitido sob o ponto de vista litterario, honra e justifica a alta reputação do engenheiro, pois representa todo um complexo plano de obras de aterramento, de esgotos, de hygiene, de alinhamento de ruas e travessas nas partes da cidade a reconstituir ou a construir de novo, de construcção de edificios publicos, entre elles os Paços Reaes, a Biblioteca e as Alfandegas, e tambem particulares, nas devidas condições de segurança contra tremores de terra e de isolamento do fogo; da forma dos predios, sem passagens cobertas para evitar attentados nocturnos; da salvaguarda dos terrenos destinados a servidões militares junto ás fortificações da cidade, e de tantos

<sup>1</sup> Cod.  $\frac{C}{2-20}$  N<sup>o</sup> 13.—Bibl. d'Evora.

outros assuntos importantes que curioso é seguir entre o emmaranhado da prosa do illustre militar, e que, como vimos já, lhe vem dar a primazia de muitas iniciativas que lhe não eram attribuidas.

A parte 3.<sup>a</sup> da dissertação é muito interessante, porque trata dos serviços de limpeza da cidade, esgotos, abastecimento de agua, bocas de incendio, reconstrucção dos edificios do Terreiro do Paço, largura e estructura das ruas, á laia das de Inglaterra, com as respectivas plantas traçadas por Manuel da Maia, e que é pena se não saiba onde param, para ver se foram realmente seguidas, quando taes edificios e ruas se fizeram.

Debaixo de muitos pontos de vista ha de esta memoria interessar aos estudiosos. Diz o seguinte :

1.<sup>a</sup> Dissertação sobre a renovação da Cidade de Lisboa  
por  
Manoel da Maya, Engenhr.<sup>o</sup> mor do R.<sup>no</sup>

1. — Reconhecida, e observada a destruição da cid.<sup>o</sup> de Lix.<sup>a</sup> (no 1.<sup>o</sup> de Nov. de 1755)<sup>1</sup> he preciso intentar-se a sua renovação, e como esta se pode executar por diversos modos, parece tambem preciso que estes se preponderem p.<sup>a</sup> entre elles se fazer eleição do q̃ se conhecer com mais ventagens, e menos inconvenientes. Os modos que me occorrem são os seguintes.

2. — O primr.<sup>o</sup> restituila ao seu antigo estado, levantando os edificios nas suas antigas alturas, e as ruas nas suas mesmas larguras. Este 1.<sup>o</sup> modo suppoem, q̃ o terremoto passado não he pronostico de outro; e que assim como em m.<sup>tos</sup> annos ant.<sup>es</sup> senão experimentou outro sem.<sup>o</sup> assim se não pode esperar subsequente; e q̃ por esta forma se restituirá Lix.<sup>a</sup> promptissimam.<sup>to</sup> ao seu antigo estado, e com edif.<sup>os</sup> melhorados por novos; recebendo e acomodando o mesmo n.<sup>o</sup> de gente, e obtendo os

<sup>1</sup> Entrelinha do Padre João Baptista de Castro.



proprietarios os seus antigos rendim.<sup>tos</sup> ficando Lix.<sup>a</sup> deste modo com algũa melhora do ã dantes era; servindo os mesmos destroços, e ruinas p.<sup>a</sup> a erecção dos edif.<sup>os</sup> evitando o trab.<sup>o</sup> e despeza dos dezentulhos; cuja acomodação se faz mui difficil, e talvez de prejuizo, onde os quizerem acomodar, ou seja no mar ou na terra.

3.—O 2.<sup>o</sup> modo, levantando os edificios nas suas antigas alturas, e mudando as ruas estreitas em ruas largas. Este 2.<sup>o</sup> modo tambem despreza a precaução do terremoto, e attende em pr.<sup>o</sup> logar a melhor serventia do publico pela largura das ruas, e conservando nas alturas das cazas abundantes commodos p.<sup>a</sup> os habitadores, ã restarão livres do horrivel flagello, e p.<sup>a</sup> os proprietarios a mayor p.<sup>to</sup> dos rendim.<sup>tos</sup>, ficando a cid.<sup>e</sup> mais formosa do ã d'antes era, com boas entradas, ã p.<sup>a</sup> ella se poderão fazer no terr.<sup>o</sup> do Paço, evitando-se passagens cobertas, e melhorandose alguns edificios mayores arruinados; ficando deste modo Lix.<sup>a</sup> com conhecidas ventagens, e conservandose em m.<sup>ta</sup> p.<sup>to</sup> os interesses dos prejudicados nas ruinas, o ã não deixa de merecer attenção.

4.—O 3.<sup>o</sup> modo, diminuindo as alturas a dous pavim.<sup>tos</sup> sobre o terreo, e mudando as ruas estreitas em largas.

5.—Este 3.<sup>o</sup> modo se acautela contra sem.<sup>es</sup> assaltos, diminuindo as alturas dos edif.<sup>os</sup> por se temerem nos mais altos as ruinas mais certas, e de mayores prejuizos: como p.<sup>lo</sup> contr.<sup>o</sup> nas ruas mais largas mayor facilid.<sup>e</sup> p.<sup>a</sup> se escapar dos destroços, ã nas estreitas servẽ de grande impedim.<sup>to</sup> ao retiro.

6.—O 4.<sup>o</sup> modo, arrazando toda a cid.<sup>e</sup> baixa, levantandoa com os entulhos, suavizando assim as subidas p.<sup>a</sup> as p.<sup>tes</sup> altas, e fazendo descenso p.<sup>a</sup> o mar com melhor correnteza das aguas, formando novas ruas com liberd.<sup>o</sup> competente, tanto na largura, como na altura dos edif.<sup>os</sup> ã nunca poderá exceder a largura das ruas. Este 4.<sup>o</sup> modo não só attende, como o terceiro, a prevençõ de sem.<sup>e</sup> flagello, assim na observação da altura das cazas, como na largura das ruas, mas a facilitar a difficil acomodação dos dezentulhos, servindose delles p.<sup>a</sup> suavizar a aspereza das serventias da cid.<sup>e</sup> baixa p.<sup>a</sup> a alta, e expelindo tambem as aguas com melhor exito p.<sup>a</sup> o mar, livrando Lix.<sup>a</sup> baixa das inundaçoens ã padece em occasioens de mar chea.

7.—O 5.<sup>o</sup> modo, desprezando Lix.<sup>a</sup> arruinada, e formando outra de novo desde Alcantara até Pedrouços;

com permissão porem de q̃ os donos das cazas de Lix.<sup>a</sup> arruinada as podessẽ levantar como quizessem. Este 5.<sup>o</sup> modo se facilita mais q̃ todos; porq̃ em pr.<sup>o</sup> lugar não tem q̃ vencer dificult.<sup>es</sup> de dezentulhos, e suas acomodaçõens: offerece campo docil, e livre das emin.<sup>as</sup> de Lix.<sup>a</sup> antiga, sem necessid.<sup>e</sup> de averiguar o estado das cazas q̃ se devam conservar ou derribar, nem ouvir clamores dos donos das q̃ inteiram.<sup>to</sup> se desprezarem, e sobre tudo a grande despeza, q̃ na compensação destes prejuizos se fará por qualquer modo q̃ se pretenda fazer. Edificarse com mais gosto pelas melhoras que geralm.<sup>te</sup> se reconhecem no terreno e prayas do sitio de Bellem, e suas vizinhanças, livrando os habitadores do horror q̃ conceberão na destruição da cid.<sup>e</sup> arruinada; e com incomparavel brevid.<sup>e</sup> e boa organização de ruas e de edif.<sup>os</sup> q̃ formarã hũa Lix.<sup>a</sup> nova, sem q̃ os dominantes dos edif.<sup>os</sup> de Lix.<sup>a</sup> destruida tenham de q̃ se queixar, pois se lhe não faz viol.<sup>a</sup> algũa, nem se lhes impede a reedificação dos seus edif.<sup>os</sup> p.<sup>a</sup> se valerem delles á sua vontade. Acrece mais, q̃ ainda q̃ se lanse mão de qualquer dos ant.<sup>es</sup> modos, 2.<sup>o</sup>, 3.<sup>o</sup> e 4.<sup>o</sup> em q̃ as ruas se alargão, sempre hade ser preciso estenderse Lix.<sup>a</sup> até Bellem, ou ainda a mayor dist.<sup>a</sup> p.<sup>a</sup> acomodação da m.<sup>ta</sup> gente q̃ ficará necessitada de commodo por causa da diminuição das cazas; pois q̃ as de quatro e cinco pavim.<sup>tos</sup> ficarão convertidas som.<sup>to</sup> em dous; e em hũ sitio em q̃ havia quatro ou 5 ruas, ou mais, se converterão em duas ou 3 ao m.<sup>to</sup>: e se depois de vencer m.<sup>tas</sup> dificult.<sup>es</sup> com grandissimo trabalho, dispendio, e dilação de tempo, se hade procurar o asylo de Bellem, melhor parecia buscarse logo p.<sup>a</sup> mayor facilid.<sup>e</sup> satisfação do publico, e escuza de despeza. Tambem a sumersão do novo caes da Alfandega do tabaco, parece estar aconselhando q̃ se não avezinhem a hum lugar q̃ mostra estar combalido de contr.<sup>o</sup> fortissimo, q̃ poderá continuar em o perseguir, e a tudo q̃ o acompanhar. Tambem parece favorecer esta opinião o acharemse em Portugal algũas cid.<sup>es</sup> e povoaçoens q̃ conservão os nomes de outras destruidas, cujas ruinas se percebem ainda em dist.<sup>as</sup> proximas, sem se especificar a razão daquella repetição de nomes, e de lugares; mas discorrendo qual poderia ser, nenhũa razão me occorre mais propria e competente p.<sup>a</sup> este effeito do q̃ outra sem.<sup>e</sup> a q̃ temos diante dos olhos, fazendo antes eleição de formar hũa cid.<sup>e</sup> e povoação nova em sitio mais favoravel, do q̃ renovar hũa

destruída por sem.<sup>o</sup> accidente. Tambem pode fazer pezo nesta eleição a observação de ser mais violento e eficaz o efeito do terremoto na p.<sup>to</sup> mais repleta de habitantes cujos excretos, penetrando e permeando mais os poros da terra, possam concorrer com mayor adjutorio p.<sup>a</sup> a formatura do terremoto, ou atrair a si os seus efeitos com mais sem.<sup>o</sup> e abund.<sup>o</sup> simili. O ã podendo ser assim tambem aviza, ã se evite q.<sup>to</sup> for possível a continuação de hum tal atractivo. Persuado-me ter lido ã já Lix.<sup>a</sup> padecio perseguição de terremotos por tempo de um anno; e como o fogo me consumiu todo o adjutorio de ã me valia p.<sup>a</sup> narrar com segurança, não poderei determinar o tempo nem o vigor de seu principio, nem algũas mais especialid.<sup>es</sup> que occorrerão; mas sempre pode servir de exemplo, de ã a comunicação dos taes excretos possa servir de alim.<sup>to</sup> p.<sup>a</sup> sem.<sup>o</sup> destroço. A multiplicidade de terremotos, que tem padecido Constantinopla cid.<sup>o</sup> populosissima parece corroborar esta suposição: *quae sola non profunt, multa collecta juvant.*

8.—Atéqui o ã me occorreo dizer a favor de cada hum dos sinco modos possíveis p.<sup>a</sup> a renovação de Lix.<sup>a</sup>; resta-me declarar o ã se poderá dizer em contr.<sup>o</sup> p.<sup>a</sup> ver se com estas ponderaçoes me poderei determinar a tomar algum partido em forma ã se não possa dizer ã o fiz sem estas antecedencias.

9.—No 1.<sup>o</sup> modo encontro a falta de atençaõ ao melhoram.<sup>to</sup> de hua cid.<sup>o</sup> que se edifica de novo conservandolhe as ruas estreitas, o ã as fas de aborrecivel uzo, e as cazas m.<sup>to</sup> altas com o horror que das suas alturas se tem concebido; não obstante poderse dizer, ã este horror hade ser de pouca duração, porã em fazendo algũa pessoa veneranda edif.<sup>o</sup> de mayor altura de dous pav.<sup>tos</sup> logo outras de qualquer veneração a irão imitando, e consequentem.<sup>to</sup> todas as ã tiverem com ã o fazer; porã ao mesmo passo ã vai esquecendo o horror do terremoto, se irá esquecendo o da ley dos dous pavim.<sup>tos</sup>. Sirva de exemplo a ley do alinham.<sup>to</sup> p.<sup>a</sup> ã as cazas ã se renovassem, se recolhessem até ã as ruas ficassem em certa largura, como a da rua dir.<sup>ta</sup> das portas de S. C.<sup>na</sup> onde se executou athé certo tempo, e se não continuou em algũa das cazas ã depois se renovarão ou se edificarão de novo.

10.—O 2.<sup>o</sup> modo, ainda ã attende á formosura da cid.<sup>o</sup> p.<sup>to</sup> ã toca a largura das ruas, tem o defeito de se não acautelar contra o flagello dos terremotos nas alturas dos

edifícios; e posto ã favorece aos donos dos edif.<sup>os</sup> restantes em lhes conservar o n.<sup>o</sup> dos moradores, e consequentem.<sup>e</sup> os rendimentos, e tambem possuem dizer ã a ley dos dous pavim.<sup>tos</sup> terá o mesmo efeito ã a ley do alinham.<sup>to</sup>, não são razoens subsistentes por dependerem do futuro.

11.—O 3.<sup>o</sup> modo ã parece mais admissivel, porã attende assim a formosura da cid.<sup>e</sup> no espaço das ruas, e precaução dos terremotos nos dous pavim.<sup>tos</sup> só permitidos, tem contra si os clamores dos donos dos edif.<sup>os</sup> extinctos, e outros diminutos de rendim.<sup>tos</sup> pela diminuição dos inquilinos, entre cujos clamores, serão m.<sup>to</sup> distintos os dos Morgados, Eccles.<sup>os</sup> e Irm.<sup>des</sup> que costumão ser m.<sup>to</sup> attendidos; como tambem tem contra si a acomodação dos dezentulhos, porã alem dos ã se achão já occupando as ruas largas e estreitas, hade acrecer o de todas as casas ã se hão de extinguir inteiram.<sup>te</sup> e mais ã tudo a gravissima despeza com ã se hade substituir a diminuição dos edificios extinctos ou em p.<sup>te</sup> ou em todo.

12.—O 4.<sup>o</sup> modo, posto ã vence ao 3.<sup>o</sup> em evitar o embaraço dos duzentulhos, e em dar melhor serventia á cid.<sup>e</sup>, sempre fica com o grave pezo de dar a cada hum a justa satisfação do ã lhe pertencer.

13.—O 5.<sup>o</sup> modo, ã parece o mais facilitado, não deixará de ter contra si o interesse dos donos das casas edificadas nas ruas principaes de Lix.<sup>a</sup>, receando ã se lhes diminuição o rendimento dos seus alugueis, aumentando-se m.<sup>to</sup> o n.<sup>o</sup> das habitaçoens em p.<sup>tes</sup> de diferente eleição.

14.—O ã assim ponderado, resta fazer escolha de algum dos sinco modos de ã se não possa seguir arrependim.<sup>to</sup>, no ã encontro grande difficuldade, e p.<sup>a</sup> poder sair della, me tem occorrido, ã só a eleição ã S. Mag.<sup>e</sup> fizer do sitio p.<sup>a</sup> o seu Real Palacio poderá fazer pezar a opinião ã lhe for mais apropriada; porã se S. Mg.<sup>e</sup> for servido querer o seu novo e real Palacio no sitio de Bellem, fica o modo n.<sup>o</sup> 5.<sup>o</sup> infalivelmente adoptado e preferido a todos os outros; porem se S. Mag.<sup>e</sup> fôr servido querer lançar mão de hum sitio salutifero, e superior apropriado p.<sup>a</sup> cabeça de Corte com boas 4 communicações p.<sup>a</sup> a cid.<sup>e</sup> e p.<sup>a</sup> o campo, aproveitando-se primr.<sup>am</sup> m.<sup>to</sup> do beneficio da agua livre de Bellas, e terreno firme e solido com bom nivelam.<sup>to</sup> e capacidade p.<sup>a</sup> edificar com grandeza, he este o sitio entre S. João dos Bemcasados e o conv.<sup>to</sup> de N. Sr.<sup>a</sup> da Estrella com 4 communicaçoes

de bom uso; a 1.<sup>a</sup> p.<sup>a</sup> o campo, interior do paiz por Campolide, e Sete rios: a 2.<sup>a</sup> pelo Rato, Noviciado da Cotovia etc. a 3.<sup>a</sup> p.<sup>la</sup> rua nova de S. Bento, ou nova colonia: a 4 p.<sup>lo</sup> cam.<sup>o</sup> do S.<sup>r</sup> da boa Morte, Fonte Santa, N. Sr.<sup>a</sup> das Necessidades etc. até o mar, caminhos todos de bom nivelam.<sup>to</sup> e correntezas de aguas p.<sup>a</sup> limpeza dos edif.<sup>os</sup> e ruas depois de terem servido nas fontes e tanques do Real Palacio, e de hum Hospital na quebrada da cerca de S. Bento p.<sup>a</sup> a p.<sup>lo</sup> do nascente, cuja pozição já escolhi q.<sup>do</sup> se tratou do sitio p.<sup>a</sup> o Hospital real de todos os Santos, por o reconhecer melhor no prez.<sup>to</sup> tempo do q̃ o de junto a S. D.<sup>os</sup> no rocio. Tambem não posso deixar de lembrar q̃ no tal novo e real Palacio se poderá formar hua Biblioteca publica por evitar o justo reparo de a não haver na Corte de Portugal, e junto a ella a casa do Real Archivo, q̃ ainda q̃ o terremoto o não destruisse, sempre necessitava de hũa tal acomodação á imitação do Archivo Romano, pera o qual se entra pela Biblioteca do Vaticano. E p.<sup>a</sup> o duplicado, de q̃ tambem ha grande precisão, se escolherá sitio separado.

15.—E determinado e escolhido este lugar d'entre S. João dos Bem casados e o conv.<sup>to</sup> de N. Sr.<sup>a</sup> da Estrella p.<sup>a</sup> o novo e real Palacio, me parece se deve principiar a renovação da cid.<sup>e</sup> de Lix.<sup>a</sup> pelos edificios publicos, que são fabricados por conta da real fazenda, por serem os pr.<sup>os</sup> fundam.<sup>tos</sup> dos reaes subsidios quasi todos na marinha, p.<sup>a</sup> o q̃ largará S. Mag.<sup>o</sup> o seu Palacio antigo, assim como os Sr.<sup>es</sup> Reys seus antecessores havião largado os em q̃ habitavão, q̃ se achão hoje servindo de outros uzos: e poderá tambem formarse a caza da bolça do neg.<sup>o</sup> e tudo com as direcçoens, e formalid.<sup>es</sup> não só segundo as not.<sup>as</sup> das outras Cortes, mas com as melhores q̃ occorrerem, e o bom discurso alcançar.

16.—As communicaçoes da 1.<sup>a</sup> praça do terr.<sup>o</sup> do Paço p.<sup>a</sup> dentro da cid.<sup>e</sup> se devem abrir as 1.<sup>as</sup> em correspond.<sup>a</sup> ás duas ruas dos ourives do ouro e da prata, evitando todas as pasagens cubertas q̃ são incidiosas de noite.

17.—As ruas de cazas q̃ de novo se fabricarão p.<sup>a</sup> a communicação do novo Palacio com a cid.<sup>e</sup> antiga se emprenderão depois das d.<sup>as</sup> reaes obras; mas ou sejam edificadas de madr.<sup>a</sup> ou de pedra e cal, nunca a altura das cazas excederá a largura das ruas, e q.<sup>do</sup> as ruas forem mais largas q̃ a altura dos dous pavim.<sup>tos</sup> sobre as

logear, nem por isso as cazas poderão subir a terceiro pavimento.

18. — E pelo ã pertence a renovação da cid.<sup>o</sup> arruinada me acomodo ao 4.<sup>o</sup> modo já assinado, valendome de conservar os entulhos p.<sup>a</sup> dar mayor altura ao pav.<sup>to</sup> da cid.<sup>o</sup> baixa, principiando a alteala do adro do conv.<sup>to</sup> da Anunciada, do adro do conv.<sup>to</sup> de N. Sr.<sup>a</sup> da Boa Hora, do adro da Ermida de N. Sr.<sup>a</sup> da Assumpção da rua dos ourives da prata, e a esta imitação todas as mais ruas ã estiverem no mesmo nivelam.<sup>to</sup> formandose hũa tal descida p.<sup>a</sup> o mar ã vá fenecer pela porta da Alfandega do tabaco.

19. — P.<sup>a</sup> se poderem dirigir as ruas na forma mais regular se sinalarão primr.<sup>o</sup> com bandeirolas firmes todas as ruas destruidas p.<sup>a</sup> se reconhecer por este modo o terreno ã occupavão as cazas e ruas, e poderse emmendar com clareza, o ã se julgar necessr.<sup>o</sup> evitando-se deste modo o perigo ã pode haver q.<sup>do</sup> unicom.<sup>te</sup> se guiarem por plantas, como já tem sucedido, e poderse sobre esta not.<sup>a</sup> pratica e palpavel tomar a rezolução de como se hão de suprir as diminuiçoens ã houverem nas propried.<sup>es</sup>, o ã necessita de m.<sup>to</sup> especial attenção.

20. — Parece porem preciso determinarse se nas ruas principaes deste bairro baixo e plano se devem formar columnatas como havia na rua nova dos ferros e confeitaria p.<sup>a</sup> comodid.<sup>e</sup> da passagem da gente em tempo de inverno, e chuvoso, não excedendo porem a altura das cazas os d.<sup>os</sup> dous pavim.<sup>tos</sup> hum dentro das columnatas, e outro sobre ellas.

21. — Declaro ã o reservar p.<sup>a</sup> ultimo lugar esta operação he p.<sup>a</sup> dar tempo a ã o grande n.<sup>o</sup> de corpos immeros pelos entulhos não possão produzir algũa corrupção no ar, descobrindose, e pela mesma razão procuro tambem altear as ruas p.<sup>a</sup> não haver tanta necessid.<sup>e</sup> de os revolver; pertendendo tambem com esta dilacão suspender o horror em ã o publico se acha contra os edif.<sup>os</sup> ã não são de simples madr.<sup>a</sup> alem de que por falta de meyo receyo m.<sup>to</sup> que haja grande difficuld.<sup>e</sup> em edificar de outro modo, porã os incendios extinguirão quasi todos os cabedaes dos habitantes de Lix.<sup>a</sup>

22. — Nesta pr.<sup>a</sup> parte da prez.<sup>te</sup> Dissertação procurei expressar em generalid.<sup>e</sup> o ã na imaginação embaraçada com hum tão raro caso me foi possivel revolver, sujeitandome de m.<sup>to</sup> boa vont.<sup>e</sup> a toda a correcção judiciousa, ã

emmende melhor ou reprove o q̃ achar q̃ o merece, porq̃ do mesmo modo q̃ estimaria tivesse boa aceitação o que proponho, igualm.<sup>te</sup> estimarei a justa reprovação antes q̃ a execução o embarace; com a differença som.<sup>te</sup> que deixarei de me empregar em segunda e individual parte, se na pr.<sup>a</sup> me tiver afastado do q̃ for mais conveniente ao Real serv.<sup>o</sup> e bem do publico; pois q̃ nas individuaçoens periga m.<sup>to</sup> mais o acerto q.<sup>do</sup> a generalid.<sup>e</sup> se tem afastado da rectidão. 4 de Dez.<sup>o</sup> de 1755. Lix.<sup>a</sup> M.<sup>el</sup> da Maya <sup>1</sup>.

Segunda p.<sup>te</sup> da Dissertação sobre a renovação da Cid.<sup>o</sup> de Lisboa  
por Manoel da Maya  
Mestre de campo general, Engenheir.<sup>o</sup> mor do R.<sup>no</sup>  
e Guarda mor da Torre do Tombo

1. — Visto parecer que vai tendo algũa aceitação a 1.<sup>a</sup> p.<sup>te</sup> da minha Dissertação sobre a renovação da Cid.<sup>o</sup> de Lix.<sup>a</sup> he preciso animarme a individuar a 2.<sup>a</sup>, como prometi no ult.<sup>o</sup> § da 1.<sup>a</sup>, não obstante terlhe reconhecido m.<sup>to</sup> mayor difficuld.<sup>e</sup>. Valerme-hei porem do mesmo methodo q̃ segui na 1.<sup>a</sup>, indagando por p.<sup>tes</sup> a natureza de todas as que me propuzer p.<sup>a</sup> fazer eleição, p.<sup>a</sup> q̃ q.<sup>do</sup> não chegue a determinar-me inteiram.<sup>te</sup>, ao menos mostre q̃ as ponderei até onde a minha possibilid.<sup>e</sup> pode alcançar, ficando assim aberto o cam.<sup>o</sup> p.<sup>a</sup> q.<sup>m</sup> com melhor vista possa

<sup>1</sup> Nota de João Baptista de Castro:

«Sobre o dezenho de renovar a cid.<sup>o</sup> de Lix.<sup>a</sup> se pode accomodar o epigramma daq.<sup>le</sup> Poeta, fallando de Roma destruida e depois reedificada, em q disse q se Roma não se tivesse arruinado, ficaria menos grandiosa.

*Et tanti cecivissi tuum, Roma inclyta tanti!*  
*Si stares, esses, Roma superba, minor.*

Igual a este pensam.<sup>to</sup> he o q disse Cicero *lib 4 in Verrem* fallando do incendio do capitolio depois da morte de Sylla, e diz q aquellas chamas parecião vir do ceo, não p.<sup>a</sup> destruir o templo de Jupiter mas p.<sup>a</sup> lhe pedir outro melhor, e mais magnifico. *Et illa flamma divinitus extitisse videatur non quae deleteret Jovis optimi maximi templum sed quae praclarus, magnificentius que deposceret.* V.<sup>o</sup> *Pensées ingenieuses* pag. 208 e o pigr. de Oven 12. Liv. 2. Ex cinere ut Phenix Phenicis nascitur alter, Lisbon et Troyæ prodiit ex cinere. Vid. Ruinas de J. H. de Mattos, pag. 126.

reconhecer distintamente as ventagens e os defeitos q̃ eu não chegar a perceber.

2.— Procedo na suposição de S. Mag.<sup>de</sup> fazer eleição do sitio medio entre S. João dos Bem casados e o Conv.<sup>to</sup> de N. Sr.<sup>a</sup> da Estrella p.<sup>a</sup> o seu novo e real Palacio, ficando aquelle sitio cabeça e parte principal da Corte e Cid.<sup>o</sup> de Lix.<sup>a</sup>, ao q̃ precisam.<sup>te</sup> se hade seguir a renovação do corpo da mesma cid.<sup>o</sup> destruida, p.<sup>a</sup> o q̃ se mostra m.<sup>s</sup> apropriado o 4.<sup>o</sup> modo da renovação da cid.<sup>o</sup> expressado no § 6 da d.<sup>ta</sup> 1.<sup>a</sup> parte q̃ diz assim etc.

3.— Que se queira renovar a cid.<sup>o</sup> baixa he p.<sup>a</sup> mim indubitavel; porq̃ ainda sem haver occasião tão forçosa, se tem mostrado esta vont.<sup>o</sup> assim na rua nova do Almada q̃ se formou q.<sup>do</sup> o bairro alto não tinha melhor serventia que a rua, ou beco dos Fornos, as ruas dos ourives de prata, e do Ouro, por onde não podia passar mais q̃ hum carro, e proximam.<sup>te</sup> a preparação p.<sup>a</sup> se alargar mais a d.<sup>ta</sup> rua nova do Almada até a rua larga das portas de S. C.<sup>na</sup>, formada assim em sincoenta e quatro palmos de largo pela ley do alinhamento q̃ não teve procurador q̃ a fosse fazendo executar em todas as p.<sup>les</sup> em q̃ houvesse renovações de cazas: e á vista dos referidos exemplos parece indubitavel a renovação de Lix.<sup>a</sup> baixa. O que porem resta he eleger o meyo mais ajustado p.<sup>a</sup> se conseguir este muy louvavel benef.<sup>o</sup>, p.<sup>a</sup> o que declaro q̃ q.<sup>do</sup> expuz aq.<sup>te</sup> 4.<sup>o</sup> modo da renovação de Lix.<sup>a</sup>, arrazando a sua p.<sup>te</sup> baixa, foi na expectação de q̃ S. Mag.<sup>de</sup> poderia escolher o meyo de tomar a si todos os edificios de tal p.<sup>to</sup> da cid.<sup>o</sup> depois de avaliados no estado emq̃ se achassem, p.<sup>a</sup> q̃ depois de derribados e extintos, formadas novas ruas e novos logares p.<sup>a</sup> os edificios novos, e repartida por elles a import.<sup>a</sup> ou valor das cazas destruidas, e conhecido o que correspondia a cada palmo, vara ou braça quadrada, cada acreedor de edificio recebesse em terreno a avaliação q̃ se lhe havia feito, e q.<sup>do</sup> lhe não agradasse, se vendesse aq.<sup>m</sup> desse a sua importancia p.<sup>a</sup> a receber o acreedor: e no cazo q̃ ainda nisto houvesse algũa duvida, mandasse S. Mag.<sup>de</sup> edificar por sua conta p.<sup>a</sup> recolher a seu patrimonio o rendimento por me parecer este o modo mais desembaraçado e mais prompto, persuadindome q̃ assim se haveria observado em Turim e em Londres, q.<sup>do</sup> alli se fizerão semelhantes renovações; o que porem não posso segurar, porque o fogo me despojou de todos os meyo de que me costumava valer em occasioens sem.<sup>es</sup>



E q.<sup>do</sup> eu vi que se mandava formar hũa especie de Tombo dos edif.<sup>cs</sup> da cid.<sup>e</sup> de Lisboa com as suas avaliaçoens me pareceo estar adoptado este 4.<sup>o</sup> modo de renovação; mas porq̃ bem pode succeder q̃ a mesma especie de Tombo possa tambem servir para outra diversa forma de renovação, segundo a nova ordem com q̃ se vão acomodando os entulhos, cada hum ao edificio de q̃ sahio, p.<sup>a</sup> que cada dono se possa aproveitar dos materiaes que nelles achar, reedificando á sua custa, parece não se querer S. Mag.<sup>e</sup> servir do dito 4.<sup>o</sup> modo na forma deq̃ eu o havia proposto, derribando, e destruindo a Cid.<sup>e</sup> baixa, levantandoa no que fosse proveitoso com os seus entulhos, p.<sup>a</sup> q̃ depois com novos e melhores materiaes e nova forma, se reedificasse a cid.<sup>e</sup> cuja idea parece desvanecida com a nova deligencia da accomodação dos entulhos e dos materiaes q̃ comprehende.

4.—Mas porq̃ se não pode entender q.<sup>ra</sup> S. Mag.<sup>e</sup> mandar conservar a cid.<sup>e</sup> baixa com a mesma forma das ruas q̃ tinha, mas q̃ sempre hade querer q̃ os donos dos edificios as reduzão a melhor forma, me parece ser o tal modo o de conservar algũas ruas no seu proprio estado, como as ruas dos ourives do Ouro da Prata, a rua nova dos ferros, e ainda a dos Escudr.<sup>os</sup> e Odreiros; mas que as ruas da correaria, das arcas, cutelaria, espingardr.<sup>os</sup>, M.<sup>l</sup> Gonçalo, Pixilr.<sup>os</sup>, esteiras, e Mercadores, por detras de S. Julião p.<sup>a</sup> a Conceição, e a rua nova da Palma se alarguem por hũa p.<sup>te</sup> ficando a outra conservandose no estado emq̃ se acha, mas q̃ esta p.<sup>te</sup>, conservada pela melhora q̃ alcança e sem detrim.<sup>to</sup>, na tal largura, concorra p.<sup>a</sup> compensar a p.<sup>te</sup> contraria o detrimento q̃ experimenta, assim na diminuição do valor da propriedade como da despeza da obra aque fica sujeita cuja resolução directamente pertence aos Ministros de S. Mg.<sup>do</sup> O que assim vencido resta saber se hade passar a mais a renovação da cid.<sup>e</sup> baixa, formando-se ruas novas, como de S. Nicolau p.<sup>a</sup> a rua nova dos ferros; do largo da Igr.<sup>a</sup> da Victoria p.<sup>a</sup> o Tronco, e dahi ao meyo da calcetaria; e outras q̃ se poderão formar de novo, destruindo m.<sup>tas</sup> cazas inteiram.<sup>te</sup> e cortando outras com m.<sup>ta</sup> irregularidade, noq̃ me parece se encontrarão embaraços muy dificeis de ajustar e de compensar e q̃ serão mayores q̃ os proveitos q̃ se poderão tirar das taes innovaçõens de ruas: pelo q̃ me parece q̃ nesta forma de innovação seria mais conveniente q̃ senão entendesse, alem de

alargar as ruas estreitas, conservadas por hum lado; porq̃ o despedaçar becos e cazas q̃ os acompanhão só me parece praticavel q.<sup>do</sup> se arruinasse a cid.<sup>e</sup> baixa inteiram.<sup>te</sup> e se uzasse da sobred.<sup>a</sup> compensação expressada no § 3. He preciso tambem determinar se as ruas q̃ se conservarem inteiras, como a rua nova dos ferros, a dos Douradores, a dos Escudr.<sup>os</sup>, a dos Odreiros, q̃ não são inteiram.<sup>te</sup> em linha recta, se se hão de obrigar seus donos a q̃ as emmendem, oq̃ tambem hade causar grande viol.<sup>a</sup> e m.<sup>tos</sup> requerim.<sup>tos</sup> e deprecaçoens, pelo q̃ dos 3 modos da renovação da cid.<sup>e</sup> baixa, o 1.<sup>o</sup> arrazandoa toda e renovação toda, tenho por superior e melhor; o 2.<sup>o</sup> de conservar as ruas largas, e alargar as estreitas mencionadas tenho por mediado: e o 3.<sup>o</sup> de querer tambem accrescentar ao 2.<sup>o</sup> a redução dos becos e travessas a ruas largas tenho por infimo.

O abrir serventia descoberta e larga do terreiro do Paço p.<sup>a</sup> a rua nova, em todos os tres casos he indispensavel; se for hũa só, poderá sair ao meyo da rua nova; e se forem duas, poderã ser a 2.<sup>a</sup> em frente da rua dos ourives do ouro. A rua nova do Almada sempre se deve adoçar, não só p.<sup>a</sup> facilitar a subida do Bairro Alto, mas p.<sup>a</sup> dar melhor saída ás aguas, onde se junta com a calcetaria e pé da calçada de S. Franc.<sup>o</sup> e largo da Patriarcal. A calçada de Pedro de Novaes tambem está pedindo q̃ a facilitem, principiando este beneficio da rua e largo detras da Igr.<sup>a</sup> de N. S.<sup>a</sup> da Vitoria, travessa dos Espingardr.<sup>os</sup> e calçadinha que sobe p.<sup>a</sup> a Cruz do Carmo, fazendo-se logo calçada em tudo o q̃ se for entulhando, p.<sup>a</sup> q̃ a agua da chuva não descomponha logo o entulho. Esta rua de Pedro de Novaes tambem necessita de se alargar por hũ lado e tambem a comq̃ se entra do largo da Vitoria p.<sup>a</sup> o q̃ se lhe segue em frente das cazas altas da congregação do Oratorio, dando por ella principio a melhora da d.<sup>a</sup> calçada de Pedro de Novaes, como tambem necessita m.<sup>to</sup> de alargada a q̃ fas serventia da rua das Flores p.<sup>a</sup> a cruz de Catequefarás.

5.<sup>o</sup> Para se reformar a cid.<sup>e</sup> baixa na forma apontada no d.<sup>o</sup> pr.<sup>o</sup> modo dos 3, expressados nesta 2.<sup>a</sup> p.<sup>te</sup> (a q̃ me inclino) a pr.<sup>a</sup> dilig.<sup>a</sup> consiste em q̃, feitas as avaliaçoens de todas as propried.<sup>es</sup> de casas q̃ se hão de derribar, cada hũa de per si com o nome de proprietario, qualid.<sup>es</sup> de suas obrigaçoens, ou sejam morgados, cap.<sup>as</sup> ou foros, p.<sup>a</sup> q̃ a compensação q̃ se der a cada proprietario,

fique com as mesmas obrigaçoens primitivas; e sobre hũa planta nova da cid.<sup>o</sup> baixa com as ruas livres.<sup>to</sup> desenhadas, conservando porem as Igr.<sup>as</sup> Paroquiaes, Ermidas e Conv.<sup>tos</sup> e as extensoens das Freg.<sup>as</sup> nas suas mesmas situaçoens o mais ajustado q̃ fôr possível, se calcule q.<sup>tos</sup> palmos superficiaes vão comprehendidos nas areas determinadas para serem occupadas de edificios; e sabido ao todo o valor de todas as casas derribadas, se reparta este pelo n.<sup>o</sup> de palmos superficiaes comprehendidos nas d.<sup>as</sup> areas, e desta repartição se conhecerá o valor que compete a cada palmo, e segundo o valor de cada edificio derribado se lhe commutará o tal valor com o n.<sup>o</sup> de palmos superficiaes q̃ lhe competirem; com advertencia porem q̃ sempre se attenderá a qualidade dos sitios, recompensando o sitio de cada acreedor com outro sitio semelhante: ao que fosse mais proximo ao mar, com sitio mais proximo ao mar, e ao q̃ fosse mais proximo ao rocio, com sitio m.<sup>s</sup> proximo ao rocio; e assim aos mais acredores; e a todos se determinará tempo certo para darem principio ao edif.<sup>o</sup> p.<sup>a</sup> o terem tambem completo a tempo determinado, seg.<sup>do</sup> os desenhos q̃ lhes forem communicados p.<sup>lo</sup> Architecto de senado o Cap.<sup>am</sup> Eugenio dos Santos e Carv.<sup>o</sup>, p.<sup>a</sup> que cada rua conserve a mesma simetria em portas, janellas e alturas; e pelo q̃ toca a cotas me parece sejam todas de dous pavim.<sup>tos</sup> sobre as logeas; porem q̃ as paredes que dividem os edificios excedão a altura das paredes das frontarias pelo que se julgar bastante p.<sup>a</sup> q̃ o fogo senão possa comunicar de huns telhados a outros, como costuma succeder por não haver esta cautela, e não deixa de ser bem empregada a despeza q̃ demais se faz naquella porção de parede, pela defeza comq̃ cada edif.<sup>o</sup> se prepara contra hum tal inimigo. Disse asima, p.<sup>a</sup> que cada rua conserve a mesma simetria em portas e janellas e alturas, porq̃ me parecia melhor que cada rua ou cada Freg.<sup>a</sup> tivesse algũa diversid.<sup>e</sup> ao menos na côr da pintura do que por toda a cid.<sup>o</sup> baixa inteiram.<sup>to</sup> uniforme, até p.<sup>a</sup> não ficarem tão distintas as outras p.<sup>tos</sup> da Cid.<sup>o</sup> que se conservarão na mesma forma em q̃ se achão, porq̃ tenho moralm.<sup>to</sup> por impraticavel a renovação inteira de Lix.<sup>a</sup> em todas as suas Freg.<sup>as</sup>; mas esta minha imaginação não impede q̃ depois de vencida a reformação da cid.<sup>o</sup> baixa, se possa com melhor segurança emprender o q̃ agora tanto se me difficulta.

6. E posto que se reprez.<sup>to</sup> este projecto o mais ex-

pedido, e mais livre dos embaraços q̃ nos outros dous correrem, e a ventagem de ser o q̃ depois de conseguido não padecerá a desgraça de arrependimentos porq̃ como vae acompanhado de todas as melhoras possiveis, não fica lugar aq̃ se lhe notem os defeitos q̃ nos outros se poderão notar. Resta ainda vencer o embaraço deq̃ como p.<sup>a</sup> q̃ as casas conservem hũa boa simetria, devem todas conservar entre si correspondencia, e será m.<sup>lo</sup> rara a occasião emq̃ o n.<sup>o</sup> de palmos superficiaes ou areas q̃ corresponder pelo preço estimado a hũ acredor p.<sup>lo</sup> edif.<sup>o</sup> em haver differença de mais ou de menos area; p.<sup>a</sup> vencer esta difficuldade será preciso q̃ determinados na nova planta os novos edificios com a sua ajustada simetria se ponhão estes em venda, preferindo p.<sup>a</sup> a compra os acredores com a condição que no caso q̃ a area q̃ cada hũ receber tiver mayor valor q̃ aq̃ deixou, entregue o excesso p.<sup>a</sup> com elle se ir satisfazendo a outro credor que receber area de menor valor q̃ a que deixou, e nesta formalid.<sup>o</sup> de entregarem os acredores em dinh.<sup>o</sup> o excesso da area q̃ receberem de mayor preço do q̃ lhes competia ou recebendo no caso de não querer lançar mão de mayor area, se ajustará a compensação; e q.<sup>do</sup> sobejarem areas que os credores não queirão comprar, se venderão aos q̃ não forem credores, p.<sup>a</sup> os acredores receberem em dinh.<sup>o</sup> oq̃ lhes pertencer; e se houver credores q̃ queirão comprar mais areas das q̃ lhes pertencerem, com esta extensão de compras poderá ser prejudicial a outros acredores q̃ quizerem tambem areas, e não dinh.<sup>o</sup>; neste caso se suspenderá o d.<sup>o</sup> excesso de compras, q̃ só lhes será permitido qd.<sup>o</sup> faltarem acredores q̃ queirão antes dinh.<sup>o</sup> do que areas.

7. E p.<sup>a</sup> vencer o receyo de faltar q.<sup>m</sup> queira comprar algũas areas, nem acredores recebelas pelas q̃ deixarão, me occorre responder q̃ como a todos os homens de neg.<sup>o</sup> he m.<sup>lo</sup> conveniente terem as suas habitaçoens proximas aos Tribunaes deq̃ dependem, a principiar S. Mg.<sup>de</sup> a renovação de Lx.<sup>a</sup>, como já apontei no § 15.<sup>o</sup> da minha 1.<sup>a</sup> parte, pelos edificios publicos, que são fabricados por conta da Real Fazenda quasi todos na Marinha, me faz persuadir q̃ com este atractivo procurarão todos os q̃ tiverem depend.<sup>a</sup> dos taes tribunaes alcançar sitios e areas p.<sup>a</sup> edificar, não reparando em dar por hũa vez hũa só quantia ainda q̃ grande em esperança deq̃ com o tempo recuperarão abundantem.<sup>te</sup> nas habitaçoens proximas aos tribunaes,

deq̄ quotidianam.<sup>10</sup> dependem p.<sup>a</sup> os seus interesses, e q̄ com hũa tal atractivo se facilitará m.<sup>10</sup> a reedificação de Lix.<sup>a</sup> baixa com as vantagens premeditadas no d.<sup>o</sup> modo de a renovar, arrazando-a; mas emq.<sup>10</sup> me conservo na esperança de q̄ possa ter effeito o projecto proposto com o atractivo dos Tribunaes publicos feitos, em 1.<sup>o</sup> lugar me lembro deq̄ o Tribunal da Alfandega q̄ costuma occupar m.<sup>10</sup> sitio, e diversas estaçoens, segundo a variedad.<sup>e</sup> de fazendas q̄ nellas se despachão, se podia reduzir a hũa summa abreviatura á imitação da Inglaterra, emq̄ as fazendas despachadas ainda centro dos navios, vão dalli p.<sup>a</sup> casa de seus donos, determinando-se caes proprios p.<sup>a</sup> o desembarque e conferencia dos despachos, evitando o trabalho dobrado de as levar primeiro a Alfandega, e os perigos q̄ algũas vezes na mesma Alfandega experimentão de agua, fogo e roubos; e não posso persuadirme q̄ os Inglezes cuidão menos no interesse dos dir.<sup>10s</sup> reaes, q̄ os Portugueses; e como a casa da Alfandega se acha tão arruinada parecia boa occasião de mudar de estilo, poupando tempo e dinh.<sup>o</sup> que na sua criação se ha de gastar.

8. Atéqui me tenho applicado a individuar a renovação da cid.<sup>e</sup> baixa, e como na supposiçãõ em q̄ procedo de S. Mag.<sup>e</sup> lançar mão do sitio de S. João dos Bemcasados e o convento de N. Sr.<sup>a</sup> da Estrella, toda a Freg.<sup>a</sup> de S. Isabel fica inclusa na cid.<sup>e</sup> e Corte de Lx.<sup>a</sup> emq̄ se vae edificando sem ordem nem simetria, oq̄ já no tempo do Sr. Rey Dom João V se havia principiado a fazer, sobre o que fiz hũa representaçãõ ao mesmo Rey e Sr., p.<sup>a</sup> q̄ quizesse ser servido ordenar ao senado da Camara dêsse forma á innovaçãõ das ruas q̄ se hião aumentando nos suburbios determinandolhes as larguras q̄ havião de ter assim as principaes como as travessas, determinando p.<sup>a</sup> estas 25 palmos ao ménos, e p.<sup>a</sup> as ruas principaes a largura da rua dos Ourives de Ouro e de Prata. Determinando tambem lugares mayores p.<sup>a</sup> praças e mercados; e foi o mesmo Rey e Sr. servido ordenalo assim per seu Real Decreto q̄ ficou registado na Secretr.<sup>a</sup> de Estado, e no cartorio do d.<sup>o</sup> Senado não pode tambem deixar de estar registado; e não posso nomear o dia nem o anno, porq̄ não tenho hoje memorias deq̄ me valer, e agora no prez.<sup>10</sup> tempo emq̄ vão crescendo tanto os edif.<sup>os</sup> sem regulam.<sup>10</sup> algum, me parece ainda mais necessario regulam.<sup>10</sup> mais ajustado, q̄ bem entendido deve ser, q̄ o senado, com o seu Architecto e Mestres, vá demarcar e balizar os com-

primentos e larguras das ruas ã se vão acrecentando á cid.<sup>o</sup> antiga, e ao mesmo tempo formando a planta das ruas novas, porã deste balizam.<sup>to</sup> depende a boa ordem que as ruas novas podem observar ficando as plantas servindo p.<sup>a</sup> tirar algũas duvidas ã depois das demarcações podem sobrevir. Advertindo ã p.<sup>a</sup> esta innovação de ruas he mais proprio o balizam.<sup>to</sup> e demarcação sobre o terreno aã se deve seguir a planta p.<sup>a</sup> memoria, doã fazer pr.<sup>o</sup> a planta ideada p.<sup>a</sup> a demarcação do terreno.

9. E porã depois de determinadas as ruas e praças he conveniente ã os edif.<sup>os</sup> observassem simetria na altura das casas, forma das janellas e portas, seria tambẽ justo ã o mesmo Architecto do senado, assim como ha de dar desenhos para a renovação da cid.<sup>o</sup> baixa arruinada, os dê tambẽ p.<sup>a</sup> esta p.<sup>to</sup> ã de novo se edifica.

10. Tambem se me faz preciso advertir ã se devem aclarar os limites da fortificação de Lix.<sup>a</sup> p.<sup>a</sup> ã os novos fabricadores de edificios não vão occupando terreno prohibido, cuja incumbencia poderá ter o sarg.<sup>to</sup> mor Philippe Rodrigues de Olivr.<sup>a</sup> acompanhado do Vedor Geral das Fortificações, e de seu escrivão, assim porã já a andou observando na averiguação das fazendas ã p.<sup>a</sup> a d.<sup>a</sup> fortificação foram compradas, como tambem por ter sido privilegiado do fogo ã lhe não roubou os seus papeis, entre os quaes conserva o da d.<sup>a</sup> fortificação; e p.<sup>a</sup> esta diligencia ser completa se porão balizas firmes nos lugares prohibidos, assim dentro, como fora da fortificação, que determinem os lugares exceptuados p.<sup>a</sup> se não fazerem nellas obra algũa de pedr.<sup>o</sup>, e algũa ã houver já de carpintr.<sup>o</sup> não possa ter posse de conservação, com a obrigação feita na Vedoria p.<sup>a</sup> a derribarem todas as vezes ã for ordenado, sem se poder requerer satisfação algũa, antes pagarão na mesma Vedoria, ã o he tambem da Fortificação, oã este lhe ordenar em reconhecimen.<sup>to</sup> de vassalagem. E ao Marquez Estribr.<sup>o</sup> mor Gov.<sup>or</sup> das Armas da Provincia da Extremadura e Corte, como Superintendente das Fortificações me parece pertencer mandar executar esta dilig.<sup>a</sup> ordenando-lhe assim S. Mag.<sup>o</sup>

11. E he q.<sup>to</sup> me occorre dizer nesta 2.<sup>a</sup> p.<sup>to</sup> reservando p.<sup>a</sup> a 3.<sup>a</sup> a ã depende de planta, p.<sup>a</sup> cuja execução me tenho achado m.<sup>to</sup> falto de preparativos e comodid.<sup>o</sup> porã a destruição experimentada que penetrou os lugares ainda mais reservados, como se fosse enviada p.<sup>a</sup> destruir q.<sup>to</sup> pudesse ter algum uso aos viv.<sup>tes</sup> que restarão,

ficando por este modo extinctos nos seus exercicios, ainda ã vivos p.<sup>a</sup> se lembrarem do ã perderão, tambem fez caso de mim p.<sup>a</sup> mostrar ã lhe não escapou cousa algũa, por diminuta que fosse. A mat.<sup>a</sup> ã se trata, ainda ã não seja tão nova que deixe de ter havido outras semelh.<sup>tes</sup>, he comtudo necess.<sup>o</sup> ponderarlhes as differenças das occasioens em que se fizerão, porçã nem em Londres, nem em Turim se achavão os povos flagelados como os de Portugal quando se reformarão aquellas cortes, e vae m.<sup>ta</sup> differença de obras em tempo mais ou menos calamitozo p.<sup>a</sup> ser mais ou menos facilitada a execução. P.<sup>a</sup> esta se conseguir sempre será hũ grande adjutorio a saude bem conservada: as aguas corruptas, e sem movim.<sup>to</sup>, assim na rua nova dos ferros como no Rocio, sem despejo, não deixão de correrem perigo de corromper o ar; he ponto pertencente ao Tribunal da Saude e do Senado da Camara, ã o governa, e entendo senão deve desprezar sem offensa do bom regimen. Lix.<sup>a</sup> 16 de Fevr.<sup>o</sup> de 1756<sup>4</sup>.

### Terceira parte da Dissertação sobre a renovação de Lisboa<sup>2</sup>

§ 1.<sup>o</sup> No § ultimo da segunda parte da Dissertação sobre a renovação de Lisboa, prometi esta terceira muy dependente de plantas, e desenhos que não posso executar como costumava fazer, sendome preciso valerme de outras pessoas sem ser em minha prezença por falta de comodo que ainda me não tem sido possivel conseguir, consequencia dos fatalissimos flagelos ã se tem manifestado á nossa admiração: Valendo-me porem dos officiaes Engenheiros e Praticantes da Academia Militar, de que me pareceo fazer eleição, e communicandolhes a planta da parte baixa de Lisboa destruida que só me escapou da voracidade por se achar fora da minha mão, lhes expliquey a

<sup>4</sup> *Peculio 9 do P.<sup>e</sup> Joam Bant.<sup>a</sup> de Castro* Cl., Beneficiado da S. Basilica Patriarchal de Lisboa. An. de 1760. Cod.  $\frac{CXII}{2-9}$ , fl. 666 a 680, da Bibl. de Evora. Segue-se a «Terceira P.<sup>te</sup>» que está copiada apenas até ao § 6, incompleto, fl. 681 a 683.

<sup>2</sup> Na Bibliotheca de Evora, em continuação das duas partes anteriores, vem esta 3.<sup>a</sup> parte, até principio do n.<sup>o</sup> 7, com variantes. D'ellas daremos em notas as mais importantes. Ha ainda a notar que, decerto por lapso do copista, não existem na copia de Evora algumas palavras que estão na da Torre do Tombo.

mudança que pretendia mostrar por plantas novas em que se podesse fazer conceito dos remedios premeditados, intimando ao Ajudante Pedro Gualter da Fonceca, acompanhado do Praticante Francisco Pinheiro da Cunha, tomasse por sua conta expressar em huma planta sobre a representação da parte baixa de Lisboa destruida, a emmenda das ruas estreitas, de mais uzo, e algum melhoramento nas largas, para que se se quizer lançar mão d'esta emmenda proposta no principio do § 4.º da segunda parte, se antevisse a melhora que se conseguia: e que tambem sobre os becos miudos apontace novas ruas, para que se podesse sobre ellas observar se seria escuzado aquelle melhoramento, ou inevitavel, conservando nos seus proprios sitios os Templos, Ermidas e Freguezias com o seu terreno competente; e mudando a largura do terreiro do Paço em comprimento, extendendo-se para a parte do mar the emparelhar com o comprimento <sup>1</sup> da ponte da Caza da India, ficando sendo <sup>2</sup> a sua largura desde o Forte the á face do poente da Alfandega do Tabbaco, e formando a caza da bolça dos homens de negocio entre a dita Alfandega e o arco do Assougue, separada por duas ruas, huma da parte da mesma Alfandega, e outra da parte do mesmo Assougue para darem serventia para a praça restante, entre a dita bolça e Caza dos Contos, que servirá para os uzos q̃ costumava servir, mas sem inficionar a praça principal, derribando-se o baluarte, e sua cortina, e fazendo-se no extremo do comprimento desta nova praça escadas para desembarcar em toda a maré sem necessidade de pranchas, e dando-se commodo para a Vedoria e Academia Militar entre a ponte da Caza da India, e o Forte, o q̃ vay representado na planta n.º 1.

2.º Ao capitão Elias Sebastião Pope acompanhado de seu filho o Praticante Joze Domingos Pope entreguey outra planta da parte baixa de Lisboa destruida intimando-lhe outra (planta da) renovação (para o mesmo fim) <sup>3</sup>, com a differença porem q̃ não tratasse de melhorar ruas estreitas, nem aproveitar-se das largas inteiramente, mas que com a liberdade q̃ julgasse apropriada formasse huma nova planta com as mais condições apontadas na pri-

<sup>1</sup> A copia de Evora não traz as palavras «comprimento da».

<sup>2</sup> Na copia de Evora «até» em vez de «sendo».

<sup>3</sup> As palavras entre parentheses, que completam o sentido, são da copia de Evora.



meira intimação: O que apprezento executado na planta n.º 2.

3.º Ao Capitão Eugenio dos Santos de Carvalho, acompanhado do Ajudante Antonio Carlos Andreas, entreguey outra planta da parte de Lisboa baixa destruida, para que sobre o terreno que occupara formasse outra nova planta com toda a liberdade inteiramente, e sem sogeição nem preceito algum mais que a conservação dos Templos, Ermidas e Freguezias: o que vay executado na planta n.º 3. Recommendando geralmente a todos tres formassem algumas praças em lugares convenientes<sup>1</sup> para ã nestes vazios tivesse o ar commodos em que produzisse os seus bons effeitos.

4.º E porque entre os tres pensamentos propostos se achão diversidades que poderão ser mais ou menos agradaveis, e o meu intento he somente apontalos, não duvidando ã (ainda sobre os tres modos propostos)<sup>2</sup> se são sinalar outros melhores, para o que poderão servir de grande<sup>3</sup> adjutorio estas tres representações, porque á vista das diversas configurações de hum objecto, he ã melhor se pode observar a sua propriedade, ou impropriedade, aproveitando-me do mesmo soccorro, noto na planta n.º 3.º que o terreiro do Paço nella desenhado, excede quanto a mim a grandeza de praça; mas ã o molhe ã forma na Alfandega para que os barcos carregados e nelle recolhidos possuão com toda a commodidade descarregar dentro da mesma Alfandega, sem adjutorio da ponte, me parece muito bem advertido.

5.º Suppondo (porem) que se acceita algum dos planos propostos, resta ainda depois de demarcados os sitios edificandos, e determinada a commutação dos destruidos, escolher com antecedencia o modo com que se devem preservar as ruas livres dos embaraços que as fazem imundas, fazendo elleição do mais apropriado para este fim; e porque sobre o ordinario de que se custuma uzar, ã consiste em serem conduzidas pellos carretães<sup>4</sup> em cargas de bestas todas as superfluidades ã se lanção das janelas, ha somente tres ã podem concorrer para a elleição, declaro que o primeiro (de que se tem uzado alguns pai-

<sup>1</sup> «Apropriados», na copia de Evora.

<sup>2</sup> Estas palavras entre parentheses são da copia de Evora.

<sup>3</sup> «Algũ» em vez de «grande» na copia de Evora.

<sup>4</sup> «Carretas», na copia de Evora.

zes)<sup>1</sup> consiste em que, fabricadas pello meyo das ruas (principaes)<sup>2</sup> cloacas com capacidade para receberem as agoas e (todas as)<sup>3</sup> superfluidades dos edificios, sayão destes os conductos subterraneos pellos quais os edificios se aliviem nas cloacas: alguns conductos destes se fizeram em Conventos e edificios particulares d'esta Cidade, e se introduzirão nos canos reais, mas tem sido em pouco numero; advertindo que os canos reais ã são as cloacas antigas de Lisboa, pella mayor parte se não achão capazes de bom serviço por estarem muito corruptos e pella mudança das ruas, que provavelmente se seguirá, poderá ser preciso haver mudança nas suas situações<sup>4</sup>.

6.º Consiste o segundo em reconhecer que em algumas partes se uza de carretas que vezitando de manhã as ruas, e recolhendo os lixos e superfluidades solidas, as alivião, e defendem do mayor embaraço, ficando só sogeitas ás agoas ã com facilidade se dicipão.

7.º Consiste o terceiro em deixar livre entre cada duas ruas, e as duas ordens de edificios ã as formão por hña de suas partes huma rua estreita de cinco ou seis palmos que chamão, alfugere, sem que hajão para ella portas, mas só janelas de que se lancem nella as tais superfluidades, que no Outono costumão ser extrahidas pellos carreções, para serem lançadas em lugares determinados; e em algumas partes desta Cidade, se achavão as tais alfugeres, posto que com o inconveniente de inficionarem o olfato dos moradores daquellas cazas a que ficão contiguas, ã necessitão de vidraças para moderarem aquelle inconveniente, ou costumarem-se a soffello; pello que dos quatro modos referidos, sempre o do conductor subterraneo para as cloacas me parece o melhor onde as houver: o dos carros, ou carretas, havendo a quantidade sufficiente, estimo em segundo lugar; e em terceiro, o commum e uzados carreções, e ultimamente o das Alfugeres, ã alem do seu perpetuo inconveniente, deminuem o terreno dos edificios. A consideração porem da diversidade das despezas, poderá alterar muito este meu parecer, que sempre como tudo o mais deixo pendente da melhor ponderação.

<sup>1</sup> Da copia de Evora as palavras entre parentheses.

<sup>2</sup> Idem.

<sup>3</sup> Idem.

<sup>4</sup> Na copia de Evora está «nos canos e cloacas», em vez de «nas suas situações».

8.º A esta consideração de conservar as ruas de Lisboa livres dos embarços que as fazem immundas, para o que concorrerá muito a mayor largura das ruas, e a menor altura dos edificios, não excedendo de dous pavimentos sobre as loges, se segue necessariamente outra não menos importante, e consiste em determinar melhor lugar em que possão os tais embarços ser lançados com menores inconvenientes; e por que me occorre hum mais livre delles do que os já observados, e promete huma grande conveniencia ao bem publico, sejame licito presentalo neste lugar. Consiste elle em q̃ os tais embarços se vão lançar dentro do Rio de Sacavem, para que com este adjutorio se chegue a formar nelle hum valle á imitação do de Chelas, em que as agoas salgadas chegavão em algum tempo ao templo das Virgens Vestaes, hoje Convento de relligiozas de Sancto Agostinho; por q̃ se este pequeno Valle soccorre tão agradavelmente a Corte com as suas hortaliças e frutas, quanto melhor o fará o Valle de Sacavem com a sua muitas vezes mayor grandeza, e sem se poder dizer que os embarços ali lançados podem causar algum impedimento na barra, como se pode temer de qualquer dos outros modos em que se não lanção em terra: pode esta consideração ter contra si o embarço do refugio das embarcações no tempo em que se recolhem a buscalo; mas a isso se pode responder q̃ nem as embarcações necessitão de todo o esteyo de Sacavem para se refugiarem, nem seria justo q̃ inteiramente se lhe impede o refugio, mas que só se formasse em Valle aquillo que lho não impede q̃ sempre será de grandeza muy proveitoza.

9.º Tambem parece preciso attenderse com antecedencia aos conductos da agoa para as fontes de que he muito justo se milhore esta cidade baixa destruida, para alimento dos povos para extincção dos incendios, e para adorno das praças: no terreiro do Paço pode servir a agoa q̃ vem das Cruzes da Sé: na praça do Rocio, pode o seu chafariz receber mayor agoa, e mais segura do bairro alto, ficando a que de presente lança ao Desterro de donde traz a sua origem, onde tambem he necessaria para acudir ao muito povo que naquella circumvezinhança tem crescido: O Hospital Real de todos os Santos pellos seus grandes privilegios se faz acredor de toda a agoa q̃ lhe é necessaria: O largo da Victoria está pedindo com muita razão ao bairro alto hum soccorro de agoa: o bairro de S. José o

imita com a mesma justiça, por que ali a virão buscar do Campo do curral onde não ha a sufficiente: e estes lugares da Cidade baixa que tenho apontado, são os inexcusaveis deste soccorro, porque se fosse possível q̃ em cada rua houvesse huma fonte, ou cada caza tivesse huma chave de agoa, nunca se poderia chamar superfluo este melhoramento: mas pois que o não pode ser em todo, para q̃ ao menos o possa ser em parte, se devia fazer alguma deligencia, para se convocarem, e ajuntarem mais agoas, pois para isso forão formados dous encanamentos no Acqueducto q̃ conduz a agoa para o bairro alto, no que se não tem posto thé o presente aquella applicação q̃ a materia mereçe, e com que se poderão conseguir, segundo os apontamentos que para esse fim forão feitos, q̃ posto o fogo os consumice todos, ainda se acharão alguns vestigios na idêa.

10.<sup>a</sup> E porque a agoa sem instrumentos com q̃ se applique he como espada sem braço, e as bombas o custumão ser, devem estas acharse repartidas em lugares convenientes, e ao menos hũa em cada freguezia, e junto da mesma Igreja para o que se determinará edificio particular de que poderá ter a chave o andador da Irmandade do Santissimo Sacramento, por se achar ordinariamente assistindo na Igreja, ou perto della: Os baldes de couro em bom numero são inseparaveis das bombas, para com promptidão e segurança ajudarem neste conflicto: cuja reposição deve ser muito observada por meyo de alguma horrorosa penna contra quem tiver o desacordo de os não repor em seu lugar, achandose em qualquer mão fóra delle.

11.<sup>a</sup> Não posso deixar de acrescentar aqui ser muito precisa huma especial attenção na elleição das pessoas qae hajão de ter por sua conta a execução desta difficul-tosa obra da renovação de Lisbôa baixa, para a guiarem livre dos embaraços q̃ se poderão encontrar, ou incluir entre a correspondencia do antigo com o moderno, no caso de haver alguma commutação do velho, com o novo que he aonde consiste a mayor difficuldade; para cuja solução não julgo inteiramente sufficientes os adjutorios das plantas, e se faz muito preciso que se vão observando no terreno com todo o genero de precauções q̃ a materia merece; por que sendo certo q̃ se não uza de petipé nos planos das cidades antigas tão irregulares como custumão todas ser, não se pode uzar delles como de hum plano re-

gular de hum Convento ou de hum Palácio: E ainda ã a nossa planta de Lisbôa antiga se avante em se lhe ter assignado petipé, nem por isso se deve caminhar por ella, sem ser como com huma continuada sonda reta por cauza da dita commutação; porque o formar huma Cidade de novo sem attenção mais que a ella propria, unindoa a outra antiga como em Turim, será mais divertimento que trabalho; para esta execução me persuado estarem em primeiro lugar o Tenente Coronel Carlos Mardel e o Capitão Eugenio dos Santos de Carvalho, porque álem de serem Engenheiros de profição, são tambem na Architectura Civil os primeiros Architectos.

12.<sup>a</sup> E como até o presente se não sabe o modo de commutação ã se uzará com os donos das cazas destruidas, e a conjectura ã eu fazia era na suppozição de que na deligencia ã em forma de tombo se executava pellos bairros, se incluia a avaliação dos edificios, o que com effeito não he assim, mas só consiste na medição das areas, e algumas clarezas ã não comprehendem a avaliação, me vejo obrigado a entender que, ou esta avaliação se fará separadamente por segunda deligencia, presentes os mesmos edificios ou não presentes, ou que se não quer uzar mais que de medições das Areas, para serem commutadas por areas; porque como na renovação da Cidade baixa por ruas largas, se mudão totalmente os sitios dos edificios que não são mandados avaliar, parece poder ser o intento da commutação por Areas correspondentes, assim aos sitios mais ou menos proximos do mar, como á grandeza mayor ou menor, correspondente á do edificio destruido; mas como se não pode entender ã por cauza da mayor largura das ruas restem areas para suprir as dos edificios destruidos, segue-se deste conhecimento que commutando-se as areas com igualdade, hão de faltar areas para completar as de muitos edificios antigos, que ou se hão de suprir com areas em outros sitios novamente determinados, ou em dinheiro no cazo dos donos dos tais edificios se não conformarem com a tal commutação. Se porem se julgar licito que se faça huma commutação de areas proporcionada de outro modo, isto he, sabendo ao todo a area de todos os edificios destruidos, e sabendo tambem ao todo a area dos terrenos edificandos, e observando a proporção entre estas duas areas totais; e fazendo sobre ella, e á sua imitação, a commutação das areas particulares, não seria necessario suplemento de

areas, e ficarião todos com areas correspondentes, ainda que menores das que tinhão; no que serião mais interegados os das ruas estreitas extinctas pellas vantagens das ruas largas; e no cazo de não servir de obstaculo esta diversidade para se fazer a compensação, resta ainda averiguar como se há de suprir o mais ou menos de area que a alguns acredores faltar, ou crescer para bem edificar; o que já no § 6.º da segunda parte desta dissertação supriamos por meyo das avaliações que suppunha se fazião: mas como já reconheço se não tem feito, e ã sem ellas me não occorre suplemento para os tais cazos, parece ã para elles são as avaliações inevitaveis se se houver de abraçar o dito modo de compensação; e no cazo de se fazerem seria bom que fosse presentes os edificios e renovadas as medições, para se fazer correcção em algumas de que tenho noticia necessitão della, pois nem sempre as principaes pessoas as prezenciavão.

13.º O Sennado de Lisboa que já cultivou esta materia nas ruas dos ourives da prata, e do ouro, e dos douradores, não achou melhor meyo ã tomar a si as cazas avaliadas que queria emmendar, e fazendo a obra á sua custa, vendel-as a quem mais déce, para satisfazer aos credores; e poderá ser ã avaliados os edificios destruidos de huma freguezia, e formados os edificios novos da mesma, e postos depois em venda, possa o seu producto satisfazer assim o valor dos edificios destruidos, como a obra dos edificios novos: e como a Cidade baixa destruida, se não pode reedificar toda ao mesmo tempo, pacia justo que a experiencia se fizesse em huma de suas partes, que poderia ser em parte da freguezia de S. Julião no sitio incluzo entre a rua dos ourives do ouro e a rua nova do Almada, por haver nelle muitos beccos e ruas estreitas ã he onde pode haver a mayor duvida —, advertindo parecer conveniente que o Sennado determinace os arruamentos, para que segundo elles se formassem logo os edificios com os commodos proporcionados.

14.ª As duas renovações mais celebres das Cortes da Europa, tem sido a de Londres, e a de Turim; e deze- jando eu saber o como se procedêo com os particulares na sua execução, sem ter Livro de que me valer, nem Bibliotheca publica ã nunca mais precisa me pareceo que na presente occasião, nem occasião mais propria para se lhe dar principio que esta, ainda ã não seja logo tam numeroza como hoje são as mayores ã não principiarão tão

grandes, me achey obrigado a mendigar huma historia de Inglaterra que incluce o anno de 1666 em q̃ não conseguí noticia de proveito; e vendo no Diccionario Geografico de Martiniere a descripção de Londres, em que lhe delinea as ruas como as nossas da Villa de Thomar, tambem não achey nelle clareza de que me service; o que poderia conseguir se tivesse mais q̃ revolver. A renovação da Corte de Turim, não he como alguns dizem, q̃ fora arrazando Turim Velho, para fazer Turim novo, porque só foi acrescentar Turim novo a Turim velho, fazendo em hum sitio plano contiguo a Turim, hum aditamento a Turim, no que não havia difficuldade que vencer; donde venho a concluir q̃ a renovação de Lisbôa destruida tem muito mais que ponderar que o augmento da de Turim acrescentada.

O que resta ainda determinar he se as ruas mais principais se devem dividir em tres partes como as de Inglaterra; e se se hão de fazer porticos, ou columnatas em algumas ruas como havia na rua nova dos ferros, e na Confeitaria: sobre o que me parece dizer q̃ nas obras do terreiro do Paço as columnatas seaão de bom uzo, e bom adorno, mas que nas ruas de logeas me parece mais conveniente que não haja columnatas e que as antigas da rua nova dos ferros servirão aos homens de negocio por falta do edificio da bolça, q̃ fazendo-se no terreiro do Paço como espero, he escuzado suplemento em outra parte; de claro q̃ as ruas de Inglaterra são formadas de trez divizões, a do meyo mais larga para as carruagens, e as duas lados para a gente de pé; aquella calçada de pedra miuda, e as duas de enchelharias groças com seus postes que as separão da do meyo, para que as carroagens não vão embarçar os dous passeyos; as principais são de larguras excessivas, o que nós poderiamos suprir com quarenta e cinco ou cincoenta palmos de largo, dando dez palmos a cada hum dos dous passeyos, ficando o resto no meyo para uzo das carroagens: mas não me inclino a esta divizão de ruas, porque nas occaziões de festas, e de concurços, se não poderão concervar bem em seu estado proprio, não sendo de huma largura muito mayor, o que no grande comprimento de algumas ruas de Inglaterra se faz mais adequado, e na nossa Cidade de Lisbôa baixa destruida consumirá muito terreno, em prejuizo dos donos dos edificios que obrigados a não levantar mais q̃ dous pavimentos sobre as logeas, clamarão

contra a maior largura das ruas do que as tres divizões serão cauza.

Na planta n.º 4.º apresento mais huma renovação da cidade baixa arruinada expressada pello Ajudante Pedro Gualter da Foncêca com toda a liberdade possivel, sem attender á conservação dos sitios das Igrejas Parroquiais para no cazo de não servir de embaraço a tal mudança possa tambem entrar na conta dos pensamentos ponderados.

15.ª Em 5.º lugar offereço a planta de huma rua de 60 palmos de largo á imitação de algumas da de Londres dividida em tres partes, a do meyo de 40 palmos de largo para carruagens, e gente de cavallo, e as duas dos lados de dez palmos de largo cada huma para a gente de pé e Cadeiras, com a separação de pilares e pavimento que o perfil mostra, e no mesmo perfil a figura da Cloaca, ou Cano Real para serventia das agoas dos montes e limpeza dos conductos, que dos edificios se lhe introduzem.

16.ª Em 6.º lugar offereço o primeiro prospecto em que se mostra a altura e simmetria dos edificios com dous pavimentos sobre as logeas com janelas rasgadas no primeiro, e com janelas de peitoris no segundo, e divizões de paredes altas sobre os telhados para deffensa da communicação dos incendios.

17.ª Em 7.º lugar offereço o segundo prospecto, em que se mostra a altura, e simmetria dos edificios com dous pavimentos sobre as logeas, ambos de janelas rasgadas, e com divizões de paredes altas para diffensa da communicação dos incendios.

18.ª Em 8.º lugar offereço o 3.º prospecto, em que se mostra a altura, e simmetria dos edificios, com seus porticos, ou columnatas, contra as inclemencias do tempo com dous pavimentos sobre as logeas, e ambos de janelas rasgadas, e divizões de paredes altas sobre os telhados para impedimento dos incendios.

19.ª Em 9.º e ultimo lugar offereço huma forma de edificio mais nobre para o Terreiro do Paço com seus porticos com mezaninos contra as inclemencias do tempo, dous pavimentos de janelas rasgadas (dos quais hum se poderá abater parecendo grande a altura) e outro pavimento de mezaninos junto aos telhados; e divizões de paredes altas para deffensa da communicação dos incendios; e todas estas sinco ultimas representações são expressadas pello Capitão Eugenio dos Santos e Carvalho.



E he quanto me foi possível unir nesta 3.<sup>a</sup> parte, guardando o restante para a quarta. Lx.<sup>a</sup> 31 de março de 1756.

#### Additamento

Em decimo lugar offereço a planta n.<sup>o</sup> 5 p.<sup>a</sup> a renovação da cidade de Lisboa baixa arruinada sem attenção á conservação de sitios de templos ideada pello Cap.<sup>m</sup> Eugenio dos Santos e Carvalho na qual a cor amarela mostra o que se fará de novo, e o vermelho o que se conserva do antigo.

Em undecimo lugar offereço a planta n.<sup>o</sup> 6.<sup>o</sup> p.<sup>a</sup> a renovação de Lisbôa baixa arruinada sem attender á conservação dos sitios antigos, ideada pelo Capitão Elias Sebastião Pope. Lx.<sup>a</sup> 19 de abril de 1756. = *Manuel da Maya*<sup>1</sup>.

Basta este trabalho para mostrar a competencia e autoridade de Manuel da Maya como um verdadeiro engenheiro, na mais ampla accepção d'esta palavra, e com as mais largas vistas sobre os complexos assuntos que se prendem com a sua profissão e nella exigem os conhecimentos mais profundos sobre as necessidades capitaes da organização social. Não admira por isso que o seu nome cresça no respeito dos vindouros, como fôra respeitado e querido pelos seus contemporaneos.

Do conceito e estima em que era tido pela gente do seu tempo, reza por exemplo o seguinte trecho do 14.<sup>o</sup> volume do *Theatro* de Manuel de Figueiredo, repositorio importante de informações e noticias com que entramos no conhecimento do meio portuguez no seculo XVIII, por uma forma por vezes pittoresca e palpitante:

«O' virtuoso, constante e distincto Portuguez Manuel da Maya! Quanto não soffrerias para nos deixar aquelle incomportavel thesouro, que hoje

<sup>1</sup> T. do Tombo. M.<sup>o</sup> da Guerra — Maço n.<sup>o</sup> 270 da remessa de 26 de dezembro de 1891.

desfrutamos! (e até os mesmos Gallegos) fallo do manancial das Agoas-Livres, obra de principios tão solidos e plano tão exacto, imaginada e conhecida por ti; aquella abundancia que tanto tem concorrido para a sustentação da extensa cidade de Lisboa: á tua sabedoria e ao teu genio se deve este bem! Não empregaste as mathematicas nos utilissimos fins de nos matarmos huns aos outros com mais presteza, mas sim em evitar o morrermos á sêde. Nunca ouvi gabar estes teus cuidados e lembrança original; custou-me a saber quem teria sido a origem deste tão grande bem, que nos deixaste. O' grande Patriota Manuel da Maya! o ceu te remunerere as tuas grandes virtudes quanto utilizou nellas o teu grande Discipulo! Que originaes lhe não deixaste impressos no coração e no entendimento! Aonde tiveste a satisfação de presenciar o quanto forão respeitadas pela Providencia aquellas obras no grande abalo terrestre de 1 de novembro de 1755<sup>1</sup>».

Da consideração em que os planos de Manuel da Maya foram tidos nas regiões officiaes, diz o officio do Duque de Lafões que atraz deixámos publicado; mas aqui temos outro documento, este official, em que, poucos dias depois da data da terceira parte do relatorio do eminente engenheiro, o governo manda pôr em execução em grande parte as suas ideias:

Manoel da Maya M.<sup>o</sup> de Campo Gn.<sup>al</sup> e Engenhr.<sup>o</sup> mor do R.<sup>no</sup> Em virtude de hũa ordem de S. Mag.<sup>o</sup> a mim dirigida e participada ao Ex.<sup>mo</sup> S.<sup>r</sup> Duq.<sup>o</sup> Rej.<sup>or</sup> ordeno ao Ten.<sup>o</sup> Coronel Carlos Mardel e aos Cap.<sup>es</sup> Eugenio dos Santos, Elias Seb.<sup>am</sup> Pope acompanhado do Ajud.<sup>o</sup> Ant.<sup>o</sup> Carlos Andrey, e do Prat.<sup>o</sup> José Dom.<sup>es</sup> Pope tomem por sua conta fazer, delinear, demarcar e balisar o terreno q̃

<sup>1</sup> *Theatro* de Manuel de Figueiredo, tomo xiv, p. 630.

jas entre os terrenos de Lisboa edificada e o lineam.<sup>o</sup> de sua Fortef.<sup>am</sup> principiando a delig.<sup>a</sup> desde a porta do carro da casa professa de S. Roque, continuando por defronte de S. P.<sup>o</sup> de Alcantara, Noviciado da Cotovia, toda estrada fronteira, a bica das aguas livres até Anjos ao Arco do Carvalhão tudo q.<sup>to</sup> fica a p.<sup>te</sup> direita. As ruas, praças, e mercados, q̃ no d.<sup>o</sup> terreno se poderem em boa forma distribuir, assim p.<sup>a</sup> o bom uso e comodid.<sup>o</sup> do publico como p.<sup>a</sup> enobrecer a d.<sup>a</sup> Cid.<sup>o</sup> com este augm.<sup>to</sup> da melhor eleição, reduzindo ao mesmo tempo em planta o q̃ se for demarcando debaixo do petipé que vay sinalado a margem p.<sup>a</sup> se ajustar com a da renovação de Lisboa baixa arruinada, empregandose nas ruas mais principaes, e de mayor comprim.<sup>o</sup> a largura de 60 palmos, e nas menos principaes de 40 p.<sup>mos</sup> e nas travessas de 30, não servindo de embaraço ao tal balizam.<sup>o</sup> e demarcação muros de quintas, nem valados de faz.<sup>as</sup>, desenhando tambem prospectos de casas de dous pavim.<sup>os</sup> sobre as lojas, o 1.<sup>o</sup> com janellas rasgadas, o 2.<sup>o</sup> com peitoris, ou . . . . . diversificando as ruas pelas cores em q̃ as portas e janellas serão pintadas: Para as casas nobres se formarão prospectos de diversos portados com mais n.<sup>o</sup> de janellas mas não de mayores alturas, por não alterar a principal regularid.<sup>o</sup> As paredes q̃ dividirem os edificios excederão a altura das paredes das frontarias pelo q̃ se julgar bast.<sup>o</sup> para q̃ o fogo se não comunique de hum telhado p.<sup>a</sup> outros: As ruas mais principaes q̃ recebem as aguas dos montes, ou das fontes devem conter cloacas por onde possa andar hum cav.<sup>o</sup> digo hũ homem a cav.<sup>o</sup>, com os quaes edificios hão de ter comunicação por seus aqueductos, o q̃ será representado em hũm perfil das mesmas cloacas, pois he o modo de melhor preservação p.<sup>a</sup> q̃ os edificios se aproveitem delle com anteced.<sup>a</sup> q.<sup>do</sup> as cloacas se formão, de q̃ tudo se fará impressão p.<sup>a</sup> se distribuir, e comunicar aos interessados para q̃ se execute este projecto com a promptidão q. S. Mag.<sup>o</sup> ordena. O d.<sup>o</sup> Ten.<sup>o</sup> Cor.<sup>el</sup> avisará as pessoas nesta ordem mencionadas p.<sup>a</sup> lhes comunicar em certo dia a ordem, como he costume, e pelo q̃ toca ás despesas q̃ neste projecto se farão, o d.<sup>o</sup> Ten.<sup>to</sup> Cor.<sup>el</sup> com o rol q̃ apresentar ao d.<sup>o</sup> Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr. Duque Reg.<sup>or</sup> alcançará promptam.<sup>o</sup> o desp.<sup>o</sup> p.<sup>a</sup> a satisfação da import.<sup>a</sup>—Lisboa 9 de abril de 1756»<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Biblioteca Nacional — Col. Pombalina, mss. 457, fl. 340 v.

\*

\*

\*

— Á amabilidade do digno par do reino Sr. Francisco Simões Margiochi devemos o ter conhecimento de uma preciosa collecção de manuscritos referentes a Manuel da Maya, reunidos por seu pae, uns da letra do grande engenheiro, outros, documentos officiaes a seu respeito, d'onde tiraremos desde já algumas informações, guardando a publicação d'esses documentos para outro lugar, principalmente para quando noutra logar nos occuparmos da biographia do reedificador de Lisboa.

No seu testamento datado de 27 de junho de 1764 diz Manuel da Maya:— «Declaro que sou natural d'esta cidade de Lisboa, baptisado na freguesia de Sam Julião em cinco de Agosto de mil seis centos settenta e sette, sendo meu Padrinho o muito Reverendo Padre Pedro de Vargas capellão da Capella Real do Senhor Rey Dom Pedro o segundo, filho legitimo de Francisco da Maya e de sua segunda mulher Paula de Almeyda, recebidos na freguezia de Santiago da Villa de Almada, de donde passarão para a freguesia de São Julião desta corte, onde viverão até o fim de sua vida e forão enterrados no convento de São Francisco da mesma Corte, em cuja Religião erão terceiros. Não fui casado e não tenho herdeiro algum forçado ascendente ou descendente, e se houver alguém que proue lhe sou deuedor de alguma couza ordeno seja attendido como fôr justo. Nomeyo por meus testamenteiros em prim.º lugar ao Reverendo Beneficiado da Santa Igreja Patriarchal Pedro do Valle Maya, em segundo lugar a seu (?) tio Theodoro da Silva Maya a quem rogo queyram por caridade e amor de Deus dar a execussão o que aqui

determino. Será meu corpo leuado no esquife ou tumba da minha Veneravel Irmandade dos Clerigos pobres com o titulo de caridade e protecção da Santissima Trindade cita no hospital Real de todos os Santos e acompanhado pella mesma Veneravel Irmandade (á qual?) offereço dez moedas de ouro como já offereci na minha entrada, e será sepultado no mesmo convento de Sam Pedro de Alcantara das Religiosas Arrabidas cuja communiidade toda no dia seguinte dirá missas pela minha alma de corpo presente. . . »

Mais adeante diz: — « Declaro que o fogo que se seguiu ao terramoto do primeiro de Novembro de mil sete centos sincoenta e sinco me queimou o edificio em que morava na travessa do Salema, freguezia do Santissimo Sacramento desta corte e me destruhio quanto nelle tinha em que entravam todas as minhas memorias conseguidas em largos annos com documentos, plantas e instrumentos da minha principal profissam e da minha fabrica, e noticias procedidas de diversos empregos do Real Serviço assim diurnas como nocturnas, e que ao depois fiz algumas nouas dissertaçoes, discursos e reparos e principalmente pertencentes ao lugar de Engenheiro mor do Reyno e ao de Guarda mór da Torre do Tombo conducentes ao Real serviço e bem publico, dos quaes alguns tem sido por mim propostos ainda que nem todos attendidos e que os primeiros se acharão na minha casa de visitas e os segundos na casa em que tenho os liuros, e pesso ao Reverendo Beneficiado Pedro do Valle Maya meu testamenteiro primeiro que com os dous destes Reverendissimos Padres Frey Antonio de Santa Anna e Frey Anastacio dos Santos os revejão e observem com attenção (pois que eu com a diminuição de potencias e sentidos e de mais de oventa e seis de idade me não acho em termos de o

fazer), separando o que lhe parecerem util para se entregarem da minha parte aos meus dous successores que lhe darão a prouidencia que melhor lhes parecer. . . »

Na carta regia de 9 de dezembro de 1758 em que a Manuel da Maya se faz mercê de doze mil reis de tença annual, vem os seguintes dados biographicos:

«Faço saber aos que esta minha carta de Padrão virem que tendo respeito aos serviços de Manoel da Maya filho de Francisco da Maya natural desta cidade feitos pello espaço de vinte e hum annos quatro mezes e hum dia nos postos de Apon-tador das fortificaçoens, Ajudante de Ingeneiro, Capp.<sup>am</sup>, Sargento Mayor, e no de coronel de Infantaria com o mesmo exercicio de Ingeneiro desde vinte e sete de Mayo de seiscentos noventa e oito até vinte e sete de Mayo deste anno de mil setecentos e dezanove; no de mil setecentos e hum assistir ás obras da marinha e das baterias da banda de Alem, tomando as alturas e examinando os materiaes e fazer os riscos das plantas das ditas obras com muito acerto e ajudando em todas ellas ao Lente das fortificações, Francisco Pimentel, com o qual foy a Extremós para examinar o que faltava á fortificação da Praça; no de mil sete centos e quatro conduzir p.<sup>a</sup> Abrantes hum Regimento de Olan-dezes, e depois voltar, tornar para a dita Villa á obra da fortificação fazendo a medição á planta do armazem e a informação doque convinha para a de Tancos na Campanha do ditto anno; acompanhar ao Conde Apozentador mor que foy aquartelar a munto alto e munto poderoso Rey Dom Pedro segundo de boa memoria, meu Rey e Senhor que Deus foy servido levar para sy, servindo de quartel Mestre da Corte; no de mil sette centos e sinco, ser mandado para Elvas, e sahindo no exercito as-

sistir á obra de huns reductos que se fizeram a (?) da da Godianha para guarda da ponte das barcas, hindo muitas vezes vizitar os ataques e batarias por ordem do mesmo senhor; traduzir dous livros Francezes que tratão da fortificação, que forão recebidos com geral acceitação pello estillo e ffé da tradução e pello seu bom prestimo e intelligencia ter sido muntas vezes occupado em varias diligencias do Real serv.º e por ordem expecial fazer a planta de ambas as cidades de Lisboa, occidental e oriental, com toda a individuação de Praças, Palacios, Templos, Mosteiros, Freguezias, Irmidas, ruas e travessas com os nomes de todas estas couzas em tão boa forma e tão ajuizado ao Terreno que accreditou o seu estudo e trabalho de sinco annos. . . »

Por este documento se vê que Manuel da Maya entrou nos serviços da engenharia em 8 de setembro de 1737, como apontador; n'elle vemos tambem as diversas datas das suas variadas occupaões como engenheiro, tanto em tempo de paz como na guerra.

Os seus vencimentos em 1764 constam do seguinte decreto:

« A Junta da Caza e Estado de Bragança manda fazer novo assentamento a Manuel da Maya M.º de Campo General de meus exercitos e guardamor da Torre do Tombo de hum conto duzentos oitenta e oito mil reis, que deve haver em cada hũ anno pelo Thesoureiro da mesma Caza, que são de sinco parcellas, que levava na folha d'ella, a saber quatrocentos e oito mil reis, que antecedentem.<sup>te</sup> lhe erão concedidos de ordinaria sem abatimento de quatro e meyo por cento; duzentos mil reis de tença com o encargo de pagar quatro e meyo por cento; sento e sessenta mil reis de ordenado como chronista; cento e vinte mil reis para aluguer de casa, por aviso de 18 de Dezem-

bro de 1754, e quatrocentos mil reis mais de ordinaria, que lhe mandei continuar por Alvará do d.º dia 18 de Dezembro de 1754. Belem 30 de Julho de 1756. *Rubrica del Rey N. S.*—Reg.<sup>da</sup> a fl. 56.

Manoel da Maya foi nomeado mestre de campo general por carta patente de 24 de janeiro de 1758, e sargento mor de batalha pela carta patente de 12 de janeiro de 1760.

Entre os trabalhos que ao distincto engenheiro foram confiados, estão os do hospital das Caldas da Rainha. D'isso dá noticia esta carta que se conserva na propria lettra de Manuel da Maya.

Senhor

No anno de 1706 se entregarão no Tribunal da Meza da Consciencia que tem o governo do Hospital das Caldas da Raynha, quarenta mil cruzados em fazendas p.<sup>a</sup> do seu producto se formar a convalecença p.<sup>a</sup> os doentes pobres, que se vão curar ao d.º hospital, e com effeito chegou a haver dous mil cruzados de renda por anno produzidos da redução que se fez das taes fazendas; mas no anno de 1750 ultimo em que a Mag.<sup>de</sup> Fidelissima S.<sup>or</sup> Rey D. João Quinto quiz continuar aquelle remedio, senão achava fabricada a convalecença, o que o Mesmo Senhor determinou se executasse; e com esta firmeza principiei a mandar conduzir alguns materiaes p.<sup>a</sup> a tal obra; e por q o dito Tribunal mandou ao seu Architecto fizesse planta p.<sup>a</sup> a tal convalecença, e este a fizesse, e se formasse consulta pella Mesa da Conciencia, desta consulta se me deo vista p.<sup>a</sup> eu responder o que me parecesse; e porq̃ achei q̃ se devia regeitar huma janela que se queria abrir em huma casa pertencente ao commodo das Religiosas, e o haver que nas janelas de tal convalecença se intentara fazer de mais despesa e feitiõ q̃ o da Frontaria do Hospital, o declarei assim na minha resposta declarando os inconvenientes que havia nas ditas duas couzas: e en-



tendo ã esta consulta se acha detida na Secretaria do Estado, de que foi secretario Diogo Meudonça Corte Real, que hoje habita em Mazagão, na qual secretaria se pode procurar esta consulta p.<sup>a</sup> se lhe dar a providencia necessaria, assim p.<sup>a</sup> bem dos pobres convalescentes, como p.<sup>a</sup> o d.<sup>o</sup> Tribunal dar cumprimento a obra de que se encarregou. V. Mag.<sup>de</sup> mandará o que for servido. Lisboa 2 de 9.<sup>bro</sup> de 1761.

*Manoel da Maya.*

Autographo.

Importantes foram os serviços prestados por Manuel da Maya á Torre do Tombo como guarda-mor, não só no que respeita á ordenação e catalogação dos documentos, mas por occasião do terremoto de 1755 em que, em vez de acudir á sua casa, que deixou arder, procurou no que pôde salvar os thesours do Archivo.

Falleceu em 17 de setembro de 1768, e foi, conforme a sua vontade, sepultado na casa de capitulo do convento de S. Pedro de Alcantara. Passava dos noventa e um annos; e toda a vida manteve severamente um voto de castidade que fizera aos doze.

A sua exagerada devoção levou-o a ser denunciante do Santo Officio, o que nesse tempo era tido como virtude. Denunciou em 8 de julho de 1755 um allemão das relações do P.<sup>o</sup> Cardone por transmudar o azougue em prata, reputando-o um illuminado, e denunciou um cunhado de Mangin, abridor de cunhos da Casa da Moeda, como mação<sup>1</sup>.

Que ominosos tempos aquelles em que até os espiritos mais lucidos enfermavam d'estas aberrações moraes!

<sup>1</sup> T. do Tombo. Cad. 114 dos promotores da Inquisição de Lx.<sup>a</sup> fl. 210.—Communicação do Sr. Pedro de Azevedo.

\*  
\*   \*  
\*

A titulo de curiosidade daremos noticia da oração congratulatoria que os engenheiros militares e assistentes da Torre do Tombo, e o «superior de uns e outros, Manoel da Maya», offereceram a El-Rei D. José I por haver escapado ao attentado contra elle havido, e foi recitada em S. Antonio de Lisboa pelo P.<sup>o</sup> Fr. Manoel de Sam Boaventura, religioso carmelita descalço. Conserva-se inedita, e noutro lugar a publicaremos, por não ter cabimento neste estudo de natureza militar. Mas não resistimos a dar uma amostra na parte em que explica como especialmente a congratulação pertence aos engenheiros militares e aos empregados do Archivo:

«Todas as gerarquias de pessoas sam obrigadas a este gratulatorio obsequio; mas com muita especialidade pertence esta açam de graças aos nobilissimos congressos dos Engenheiros militares, e ao dos guardas assistentes ao Archivo da Torre do Tombo. Unem se estas duas gerarchias em hua mesma potencia motrix, que os governa: e he identico em ambos estes nobilissimos congreços, a obrigação, e por isso he simultaneo o seu agradecimento que patenteão neste solemne *Te-Deum Laudamus*.

«Occorre especial obrigação aos Engenheiros militares e aos assistentes do arquivo da torre do Tombo, por hua identica congruencia das suas proprias occupaçoens. Aos Engenheiros militares pertence a fortificação das praças; assim como aos assistentes do arquivo a conservação das memorias q nelle se depositão: e como o arquivo em que melhor se guarda a memoria dos beneficios recebidos seja a açam de graças, sendo como he este agra-

decimento huma fortaleza ou hum lugar bem disposto á recepção de mayores petrechos para a defenza, a quem pertence a delimitação d'esse lugar ou fortaleza? A quem se hade recommendar a guarda d'esta memoria tão importante? Não ha duvida que aos assistentes do arquivo, e aos Engenheiros militares do Reino. A estes pois he obrigatorio com especialidade o obsequio do Louvor, que dedicam á Majestade Divina; com este agradecimento desempenham dos seus officios. Uns, guardando no arquivo da gratidão a insistencia do beneficio; outros ampliando a praça, em que hade entrar multiplicidade de socorros Divinos. E assim será todo o meo empenho mostrar que as vozes do *Te-Deum Laudamus* que a Deus se offerecem, são huma maquina de ingenho militar, com que se agradecem ao mesmo Deus os beneficios feitos na pessoa do nosso Fidelissimo Rey, a todo o Reyno; maquina de industria tam artificioza, que he o arquivo em que melhor se conservão os padroens da recessão e continuação dos favores Divinos»<sup>1</sup>.

Pode-se chamar a isto rhetorica engenheira!

<sup>1</sup> No Archivo particular do digno par Simões Margiochi.